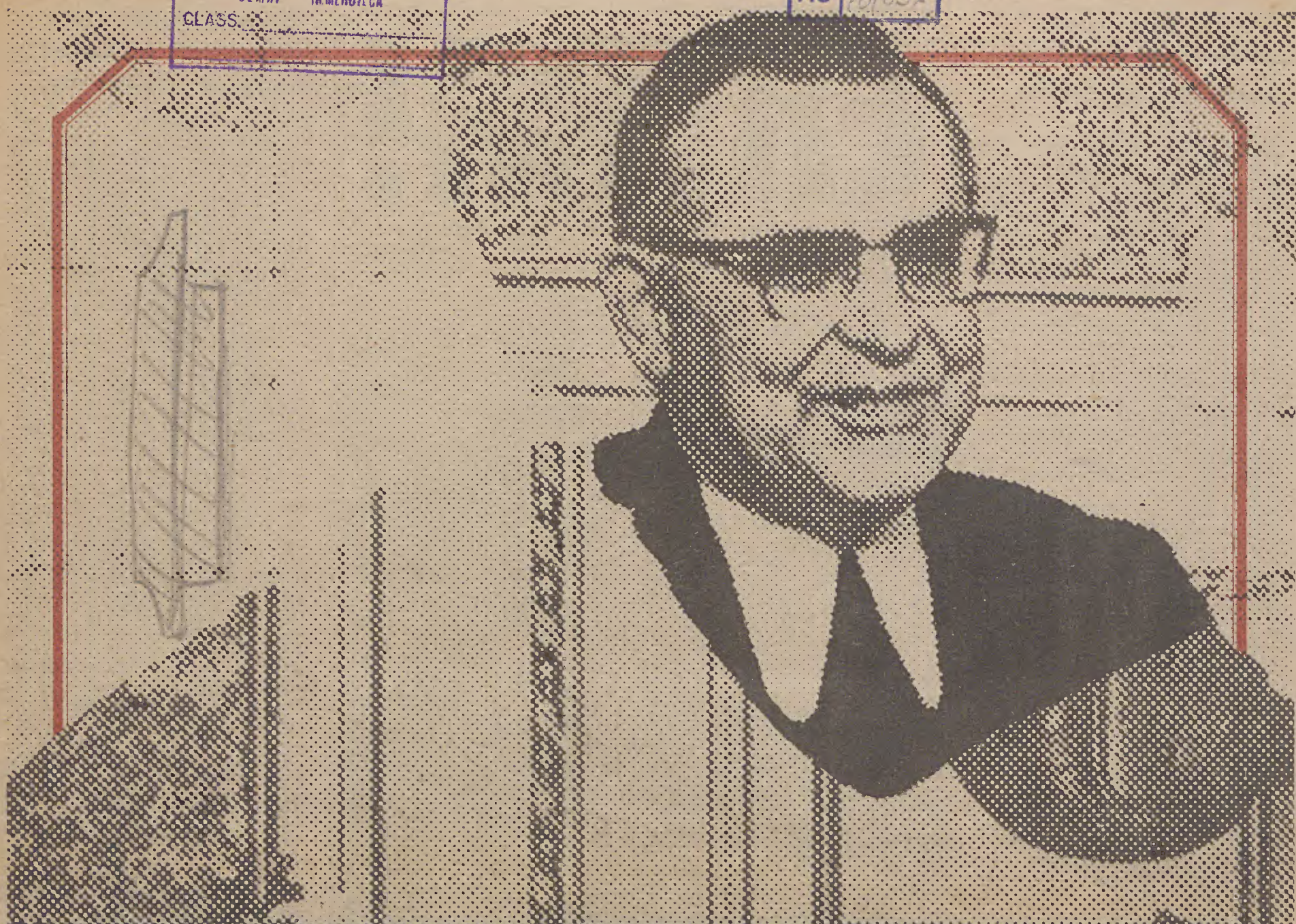


CEMAP - BIBLIOTECA
CLASS.:

FUNDO CEMAP
AC 86/032



NÚMERO 1
SETEMBRO 75
EX-EDITORIA

EXTRA!

ENFIM, COM A PALAVRA
O CARDEAL DE SÃO PAULO.

\$3

Motivo de força maior: apenas um Cardeal ocupado

No Ex que está nas bancas (o 14, de setembro 75), o principal título termina: "Por Motivo De Força Maior, Aguarde". E dentro da publicação, como diz a capa, nada da palavra do cardeal de SP. A explicação: o Ex-14 rodou, para economizar \$7.500, em Maringá. Os Ex-editores que foram para o Norte do Paraná tinham espaço para a entrevista de Dom Paulo, quase com o OK final do entrevistado. Mas por falta de tempo, só dia 7 deste mês o Cardeal Arns aprovou todas as laudas do original da matéria que começa no miolo de **Extra!**

A Ex-Editora tinha várias alternativas para lançar o **Extra!** Mas quando seus editores, afinal, tiveram nas mãos a matéria do Cardeal, nasceu o **Extra!** número 1. O chefe da maior arquidiocese do planeta, um dos possíveis candidatos ao lugar que um dia Paulo 6º vai deixar, lança suas preocupações humanas e cristãs sobre temas tais, que nenhum jornalista resiste a tentar uma edição extra.

O motivo do adiamento de sua entrevista era tão de força maior, que resolvemos lançar a nova publicação, como tablóide mesmo.

Extra! se orgulha, dentro das regras do jogo editorial, de ter conseguido a entrevista com Dom Paulo. E com tanto interesse quanto aquele com que o procuramos Dom Paulo - o também jornalista Paulo Evaristo - queremos ajudar a todos os brasileiros que, dentro e fora do governo, lutam contra aquilo que Dom Paulo denuncia.

Um lucro extra de \$ 0,33 por exemplar

A segunda publicação da Ex-Editora (a primeira, o jornal mensal *Ex*, 30 mil exemplares de tiragem, já está no número 14) pretende mesmo ser extraordinária: sai quando pode ou deve, é deste ou daquele formato e preço, sempre de acordo com os custos. Enquanto agências e/ou anunciantes não acordam e enxergam a imprensa nanica, é impossível vender o *Ex*, por exemplo, por \$5. E se nos voltarmos para esta nova publicação - **Extra!** - vemos logo que a Ex-Editora está usando duas medidas para produtos bem parecidos: se *Ex*, com 40 páginas, tudo igual a **Extra!**, custa \$6, por que o **Extra!**, com 16 páginas não custa os \$2,40 da regra de 3? Vamos confessar: a Ex-Editora está tendo um lucro extra de 33 centavos por exemplar (a diferença de 27 centavos fica com distribuição e jornaleiros) para tentar aguentar um aumento de tiragem, já no *Ex-15*, que talvez pule, antes do que a gente esperava, para os 40 mil/mês.

Se este lançamento der certo, aguardem extras de HQ, de piadas, Literatura e o diabo. Importante: sem publicidade - que é coisa que não se mendiga! - o velho *Ex* só pode pensar em mais qualidade e menos preço depois dos 50 mil jornais/mês.

Detalhes: a página inteira do *Ex* custa, em bruto, \$ 6.000. A página, por exemplo, da "Revista da Fotóptica", SP (10 mil exemplares), distribuída de graça, custa \$ 14.000. E compram. Por quê? Quanto às grandes revistas e jornais, qualquer página de 1 deles pagaria uma edição como **Extra!**

EXTRA!

EX-EDITORA

NÚMERO 1

1975 Setembro 40 páginas \$6 Estamos Com crise A eternidade começou!

ex-14

JORNAL DE TEXTO, FOTO, QUADRINHO E IMPRENSA.

DOCUMENTO: COM A PALAVRA DOM PAULO, O CARDEAL DE SÃO PAULO.

(Por motivo De Força Maior AGUARDE)

RELACÃO: HOMEM PARA HOMEM. ENSAIO DE UMA MULHER. TEXTO E FOTOS DE CLÁUDIA ANDUJAR. PÁGINA 76

O ÚLTIMO BANHO DE SANGUE. CHILE, ESQUECEU? PÁGINA 37

UM LÍDIMO CAMPEÃO! PÁGINA 24

OLHE O RETRATO DO VELHO OUTRA VEZ! PÁGINAS 20 e 33

COMICUS (P.14)

crítica mais forte, mais incisiva. Eu nunca tive dificuldade como bispo, dificuldade que proviesse assim intencionalmente da Santa Sé. Vejo alguma dificuldade nas estruturas, não é? é uma outra questão. Mas que viesse intencionalmente, quer dizer que alguém impusesse um tipo de ver ou julgar, seria difícil de imaginar, não é? Nesse sentido, nossa organização tem bastante flexibilidade, bastante naturalidade de comunicação, canais bastante abertos. E não custa. A gente fala a mesma língua, não é? Tem quase a mesma formação, não é? Não é como se um advogado fosse feito governador, um engenheiro ou um político. Todos têm outra formação... Nós nos formamos desde jovens para o serviço da Igreja ao Povo. Temos vontade de estar com o Evangelho ao lado deste Povo que é tão bom.

São Paulo, 7 de setembro 75
Genito Larinista Card. Arns

O manifesto de Dias Gomes sobre a burrice intelectual

No ar, novidade: na noite em que a Rede Globo ia lançar a telenovela *Roque Santeiro*, o personagem central foi Roberto Marinho, proprietário do Grupo Globo (jornal, rádios e tv), que - em editorial de próprio punho, segundo a revista "Veja" - fez o locutor Cid Moreira explicar que a censura havia "mutilado" a novela. Mas ainda é possível que o *Santeiro* abra caminho até as 22 horas, levando com ele um pedaço da audiência da Globo, que não vê a novela das 10. Autor da novela: o dramaturgo Dias Gomes, 1º autor de nome no teatro e no cinema (é dele a história de *O Pagador de Promessa*, Palma de Ouro no festival de cinema de Cannes) que aceitou o desafio de escrever ficção para a TV. Há 6 anos Dias Gomes escreve telenovelas, vive disso. Por quê? Como é que um intelectual "compactua" - como dizem muitos outros intelectuais - com a TV? O depoimento de Dias Gomes (p. 6) é um manifesto em defesa da "arte eletrônica" e de ataque aos "falsos intelectuais e intelectualóides". Ele diz que os intelectuais não podem mais ignorar ou se omitir frente ao assunto **Televisão Brasileira** - fenômeno que vem chamando a atenção do mundo todo para a Rede Globo de Televisão.

A seguir: o pensamento vivo de Ruy Mesquita

Depois da entrevista de Dom Paulo, outra matéria forçava a Ex-Editora a lançar o 1º **Extra!**: a fala do jornalista Ruy Mesquita, diretor de *O Estado de S. Paulo* e do *Jornal da Tarde*. A matéria que começa na página à direita foi gravada, a 1º de setembro, dentro do Grupo Educacional Equipe, SP, em conferência para alunos do cursinho e do colegial, quando Ruy Mesquita "enfrentou" Raimundo Pereira (de Movimento) em debate a respeito de Imprensa e Realidade Brasileira. Da gravação **Extra!** tirou e encadeou a posição do diretor do *Estadão* e *JT*. Ruy, que com Júlio de Mesquita Neto centraliza a direção dos 2 grandes jornais brasileiros, faz história e profecias, abrindo mais o jogo do que nos editoriais dos jornais que tem. E como toma posições em áreas paralelas às abordadas por Dom Paulo, faz deste 1º **Extra!** uma edição polêmica, que aponta saídas, crítica e toma posição. O repórter Dácio Nitrini, que lutou sozinho para enfiar "a matéria-Ruy" neste **Extra!**, venceu (e com ele o tablóide e os leitores) e quer provar - é debatendo, discordando, criticando e conversando que a gente se entende. Não se pode mais esperar que quem fala aos jovens leve tanta desesperança.

Paulo Patarra

Extra-editores: Hamilton Almeida Filho/Narciso Kalili/Mylton Severiano da Silva/Paulo Patarra/Amancio Chiodi/Dácio Nitrini/Palmério Dória de Vasconcelos/Armindo Machado/Luís Carlos Guerrero/Alex Solnik/Vanira Codato/João Antônio/Cláudio Favieri/Jayme Leão/Hilton Libos/Cláudio Edinger/Márcia Guedes/Ivo Patarra/Elvira Alegre/Gabriel Romeiro/Waldir Oliveira/José Trajano/Luís Câmara Vitral/Jorge Lopes.

Extra! é uma publicação da Ex-Editora Ltda. Rua Santo Antônio, 1043. CEP 01314, SP/SP. Tiragem: 30.000. Distribuição nacional: Abril S.A. Cultural e Industrial, SP. Composto e impresso nas oficinas da PAT - Publicações e Assistência Técnica Ltda., Rua Dr. Virgílio de Carvalho Pinto, 412, SP. Diretor responsável: Paulo Patarra.

Capas: Lay-out e logotipo de Paulo Orlando Lafer de Jesus. Fotos de Elvira Alegre.

EXTRA

Aberto o debate, Raimundo Pereira analisa a situação reinante no País e, terminados os aplausos, a mesa dirige a Ruy Mesquita a 1ª pergunta.

Estudante - como se explica que "O Estado de São Paulo" e o "Jornal da Tarde" não deram ênfase às manifestações populares como as destruições dos trens da Rede Ferroviária Federal? E como se explica que os jornais como "Opinião" e "Movimento" noticiaram isso?

Ruy - Eu nego! E provo. O Estado e o JT deram toda ênfase não só em noticiários como também em editoriais, e em primeiros editoriais. Quem fez esta pergunta fez de forma capciosa. É simplesmente falso que nós não tenhamos noticiado com o maior destaque e ainda isso que estou acrescentando: não tenhamos comentado nas nossas páginas editoriais.

Estudante - Por que somente no "Estadão" e "JT" não existe censura e por que não estender a não-censura aos demais, como "Veja", "Opinião", "Movimento", etc.?

Ruy - Esta é uma pergunta que deveria ser dirigida ao presidente da República (risos). A história da suspensão da censura no Estadão e JT eu vou contar.

Quando foi escolhido o presidente Geisel, e quando ele já tinha escolhido para ministro da Justiça o sr. Armando Falcão, com quem nós, diretores do Estado, temos relações de amizade, embora nunca tivéssemos concordado com as posições políticas dele, a primeira coisa que ele fez, foi viajar para São Paulo especificamente pra almoçar com meu irmão e comigo. E para nos dizer, como aliás já tinha acontecido no Governo anterior, que o Governo Geisel suspenderia a censura à imprensa. Esta era uma das suas metas primordiais; queria saber o que nós pensávamos do problema. A nossa resposta foi que era um problema unilateral. O problema era unilateral, tinha sido criado pelo Governo e tinha que ser resolvido pelo Governo. E nós absolutamente não poderíamos fornecer nenhuma espécie de cooperação e facilitar a solução do problema para o Governo.

Nossa atitude durante a vigência da censura nos nossos jornais, vocês todos conhecem. Procuramos de alguma maneira demonstrar aos nossos leitores que eles estavam sendo enganados, que não podíamos publicar tudo aquilo que desejaríamos publicar. Nunca entendi como o Governo, que tinha pelo menos força física para impedir que nós adotássemos essa atitude, permitiu que nós adotássemos. Creio que foi o fator surpresa: nós surpreendemos o Governo quando passamos a publicar receitas culinárias no JT e, em seguida, o Estado passou a publicar a poesia de Camões em substituição às notícias censuradas.

O resultado dessa primeira conversa foi esse.

Armando Falcão se retirou da residência do meu irmão dizendo que estava tudo certo, que ele compreendia nossa posição, mas que ficássemos tranquilos que o Governo ia suspender a censura, não só nos nossos jornais, como no Brasil todo. Quando o presidente Geisel assumiu, inicialmente a censura passou até a ser mais rigorosa que no período do presidente Médici, fato que não surpreendeu, porque eu não tinha a menor ilusão de uma suspensão imediata.

Em abril do ano passado, foi aquele incidente causado por uma charge que a Veja publicou, do Millôr. O Armando Falcão me telefonou perguntando se eu podia ir a Brasília. Eu fui, almocei na casa dele e ele me repetiu que o presidente estava cobrando dele - foi essa a expressão que usou - a suspensão da censura e queria que nós cooperássemos. Eu repeti o que tinha dito no 1º encontro, que não havia possibilidade de cooperação, uma vez que não tínhamos criado o problema; quem criou o problema que resolvesse. Ele me disse da dificuldade que o Governo tinha, exatamente me citando o incidente que tinha acabado de ocorrer com a revista Veja, que tinha entrado num acordo com o Governo, pra suspender a censura nos termos em que o Governo queria. Agora eu não sei quais são esses termos, porque eu me recusei a entrar num acordo - e não cheguei a discuti-los com o ministro. Assim que o Governo retirou os censores da Veja, foi publicada a charge do Millôr Fernandes que representava - vocês devem ter visto - um prisioneiro político torturado, num estado miserável, cuja legenda era: *nada consta*. Isto me foi

01/09/75: durante 3h30, alunos do Grupo Educacional Equipe, de SP, debateram com Ruy Mesquita (diretor de O Estado e do Jornal da Tarde) e Raimundo Pereira (diretor de Movimento) a posição da imprensa no Brasil de hoje. O debate foi gravado e dele foi tirada a atual posição do jornalista Ruy Mesquita. Reportagem de Dácio Nitrini.



JORGE LOPES

O PROFETA RUY MESQUITA

contado pelo Armando Falcão para me explicar as dificuldades que o Governo tinha para suspender a censura. Naquele tempo era ministro da Guerra o general Dale Coutinho (falecido), que foi pessoalmente ao presidente da República exigir uma série de medidas, não só contra a revista Veja especificamente, mas também contra a Editora Abril em geral. Me citou até as exigências que o ministro da Guerra fez ao presidente da República. Queria, em 1º lugar, que se apurasse a origem do dinheiro da Editora Abril,

queria que se aplicasse a Constituição, que proíbe que estrangeiros naturalizados tenham a propriedade de empresas editoras de revistas, queria mais uma outra coisa que não me recordo agora. Ele me contou isso para explicar uma situação, e eu acredito que nisso ele era sincero, uma situação que eu acho que prevalece até hoje - punha em confrontação direta o Governo do general Geisel, que estava naquela ocasião, não sei se ainda está hoje, firmemente decidido a aplicar a chamada política distensionis-

ta - e não encontrava maior resistência dentro do que nós chamamos "o sistema"

Então, um incidente como esse redundava num enfraquecimento tremendo do Governo perante o chamado sistema, quer dizer, perante o apoio único e exclusivo de que dispõem os governos brasileiros desde a Revolução de 64, que é o apoio militar. Eu entendo, eu acredito na sinceridade dos homens que dentro de Governo estão lutando por uma distensão. Mas nunca tive ilusões sobre a possibilidade deles conseguirem esta distensão, porque eu tinha certeza de que iam encontrar a resistência maior dentro do próprio sistema. Vocês não podem esquecer que a mesma coisa tem acontecido neste País desde 31 de março de 1964. Por todos os governos que assumiram o poder. O presidente Castelo Branco era indiscutivelmente um democrata, ele não pretendia radicalizar a Revolução, queria liberalizá-la o mais cedo possível, mas foi derrotado, foi vigorosamente derrotado pelas Forças Armadas brasileiras. Foi obrigado a aceitar uma solução que ele não queria para sua própria sucessão, quando aceitou a candidatura do presidente Costa e Silva.

O presidente Costa e Silva também era pessoalmente um homem liberal, não tinha idéias políticas, não era um ideólogo, não era nada disto, mas era por temperamento um liberal e procurou - isto é um fato histórico - fazer uma Constituição liberal, que seria a base da institucionalização da Revolução em bases solidamente democráticas. Foi derrotado também no episódio de todos conhecido provocado pelo deputado Márcio Alves (atualmente no exterior) que, tendo criticado violentamente as Forças Armadas brasileiras, provocou aquela situação que vocês devem se lembrar, quando o Congresso iria votar a possibilidade dele ser cassado. Eu não sei se é verdade ou não, mas as informações que eu tinha na ocasião me levam a acreditar que foi o próprio presidente Costa e Silva que aconselhou à bancada da Arena a votar contra a suspensão das imunidades parlamentares do deputado Márcio Alves. O resultado disso, vocês todos sabem, foi o fechamento puro e simples do Congresso e o Ato Institucional Número 5 (dezembro, 1968).

Ah! Esqueci o presidente Médici que assumiu depois da morte do presidente Costa e Silva. No seu discurso de apresentação ao público, declarou que reconhecia que o sistema não era sistema democrático, mas que ele pretendia, no fim do seu governo, entregar o País numa situação plenamente normalizada no plano político. Também não conseguiu, foi derrotado.

Estamos agora na quarta tentativa. E por tudo que tem acontecido desde que o presidente Geisel renunciou à sua distensão, estou convencido de que ele também não conseguirá chegar até a plena normalização, ou mesmo a um nível razoável de normalização da situação política.

Neste quadro, nós sempre tivemos uma posição excepcional, por 2 fatores (nós, eu digo O Estado de São Paulo): nós participamos ativamente da Revolução de 64, participamos a descoberto. Muitas vezes durante o período da grande agitação provocada no governo Jango Goulart, eu estive em assembleias de estudantes, como esta daqui, sendo sacrificado naturalmente pelos estudantes que divergiam fundamentalmente de minhas idéias políticas, tentando demonstrar a eles que, pelas circunstâncias sociais, econômicas e políticas no Brasil, aquela agitação que estava sendo promovida só poderia redundar nisso que efetivamente redundou: a instalação, no Brasil, de uma ditadura militar. E que depois de instalada essa ditadura militar - que eu esperava que fosse por breve período - o único apoio que eles poderiam encontrar, se nós tivéssemos chance de sobreviver, seria O Estado de São Paulo. Eu fui profético, foi exatamente o que aconteceu e o que está acontecendo até hoje.

A circunstância de nós termos participado ativamente da conspiração, vamos dizer assim, do movimento subversivo contra o governo de então, contra a legalidade de então, com os militares brasileiros - cuja maioria absoluta passou a frequentar a redação do jornal, a minha residência, durante esse período de conspiração - planejando não o

golpe, mas o contra-golpe. Porque o golpe estava sendo planejado pelo próprio presidente da República. Essa circunstância, no momento em que nós passamos a divergir frontalmente da orientação da Revolução vencedora (e isso aconteceu bem cedo, já no governo Castelo Branco), fez que eles tivessem um certo prurido moral em atacar frontalmente; e passaram a adotar esse tipo de relações, que foi se agravando cada vez mais, à medida que os governos se sucediam.

Até que no governo de Médici, ou melhor, na época da promulgação do Ato Institucional Número 5, houve o rompimento total na forma de um editorial, o último editorial que meu pai escreveu antes de morrer, no dia 13 de dezembro de 1968 (é isso, Raimundo?) que se chamava *As Instituições em Frangalhos*, mostrando que aquilo tudo que nós prevíamos - como os rumos desejáveis da Revolução, que seriam os períodos mais breves de exceção, para depois se promover a normalização democrática do País - não era mais possível. Nesse dia a edição do *O Estado de São Paulo* foi apreendida. E nesse dia houve o rompimento total. Posteriormente, houve várias tentativas, como eu já disse, da parte do Governo de se compor conosco, sempre repelidas por nós na medida que nós sistematicamente respondíamos que não abríamos mão de nossos preconceitos burgueses, que envolvem o respeito enorme àquele que se chama moral e ética. E portanto não podíamos entrar em compromissos de espécie nenhuma, que envolvessem uma contrapartida da nossa parte para a retirada dos censores que funcionavam na nossa redação. Nesta segunda conversa com Armando Falcão, o fim do diálogo foi o mesmo, em abril de 1974. Desde aí não tivemos mais nenhum contato, nem o Governo tentou mais nenhum compromisso conosco.

Quando começamos a preparar a edição comemorativa do centenário do Jornal, nós pensamos no problema prático da censura, numa edição de não sei quantas páginas: se fossemos submetê-la à censura nas vésperas da publicação, não ia haver tempo para isso. Pedimos ao Governo que passasse a censurar o que seria publicado nesta edição, na medida em que as páginas fossem sendo completadas, preparadas na redação. Evidentemente, entre essas matérias, que envolviam essencialmente a história do jornal, isso que estou contando pra vocês, e para a surpresa nossa o Governo aprovou toda a edição do centenário sem nenhum corte. Inclusive na parte em que era relatada a nossa briga.

No dia 4 de janeiro de 1975, data do centenário do jornal, os censores deixaram de comparecer à nossa redação. Essa é a história. Nunca mais recebemos qualquer tipo de pressão, ou insinuação sequer, por parte do Governo, sobre as matérias que publicamos - inclusive quando publicamos matérias sobre torturas e fizemos editoriais sobre isso. Nada, absolutamente nada.

Eu vou contar aqui pra vocês um fato muito recente, ainda para ilustrar este tipo de tratamento, que eu acho que é privilegiado, que o Governo nos dá, sem nenhuma contrapartida da nossa parte. Foi o incidente que acaba de ocorrer entre o *Jornal do Brasil* e a *Manchete* e o Governo, a propósito dos artigos do Carlos Lacerda.

Carlos Lacerda vinha colaborando com o *Jornal da Tarde* e o *Estado de São Paulo* já há muito tempo, sem que jamais nenhuma autoridade nos tenha insinuado que não devêssemos continuar publicando os artigos dele. Mas recentemente, ele resolveu também colaborar com o *Jornal do Brasil*. E publicou matérias e artigos, curiosamente, contra a distensão. Assumiu uma posição, aliás... Talvez seja por isso que ele escolheu o *JB*, porque ele sabe a nossa posição favorável à distensão; e por causa destes artigos contra a distensão foi proibido pessoalmente pelo presidente da República de continuar escrevendo no *JB* e *Manchete*.

Os diretores, tanto do *JB* quanto da *Manchete* foram convocados pelas mais altas autoridades, que transmitiam esta ordem, sob a alegação de que com os artigos, ele estava provocando dissensão dentro das Forças Armadas. Um dos diretores do *JB* perguntou à alta autoridade "por que o Governo não adotava a mesma atitude em relação a *O Estado de*

São Paulo. E a resposta que até agora não compreendi, foi: "Porque o jornal *O Estado de São Paulo* é inimigo do Governo. Estou falando com um jornal amigo do Governo".

Eu posso dizer a vocês que nós dissemos ao Carlos Lacerda que as colunas do *Estado* e do *Jornal da Tarde* continuavam abertas para ele e que podia continuar colaborando até que força maior o impedisse de fazê-lo. Mas ele retrucou que, como cassado, seria muito fácil para o Governo aplicar a lei, de exceção ou não, que proíbe os cassados de escrever em jornais, embora haja muitos cassados que continuam colaborando - inclusive ele próprio. Eu não sei quais são os fatores que levam o Governo a fazer este tipo de discriminação. O que posso dizer é que nós continuaremos com a mesma atitude: se algum dia a censura voltar aos nossos jornais, nós tentaremos de alguma maneira fazer com que o leitor compreenda que estamos sofrendo essa forma de pressão. Mas até hoje sou obrigado a dizer, com toda a honestidade, que a nossa liberdade de publicar qualquer tipo de noticiário, e qualquer tipo de comentário, é total e absoluta. E sem que tenhamos qualquer tipo de compromisso com qualquer autoridade - municipal, estadual ou federal (aplausos).

Respondendo a uma pergunta sobre "a verdade na imprensa", Raimundo Pereira afirma que Ruy Mesquita "não publica certas notícias e é prontamente interrompido."

Ruy - Não, eu nunca deixei de dar uma notícia! Você sabe que eu não controlo o noticiário, absolutamente! Eu controlo apenas a parte editorial. Eu dou a notícia mesmo quando ela contraria minhas convicções, com o destaque que ela merece por ela, ainda que seja para anunciar a derrota dos meus pontos de vista. Depois, na 4ª página do *JT* ou na 3ª do *Estado*, eu comento esta notícia. Deixar de dar a notícia, nunca.

Raimundo é novamente apartado ao afirmar, então, que o noticiário é "escolhido" pelos jornalistas do "Estado"...

Ruy - Que nos seus 98% discordam da orientação dos diretores do jornal e têm absoluta liberdade para escolher as notícias, assim como para estabelecer a hierarquia das notícias. O jornal *O Estado de São Paulo*, como todos os grandes jornais noticiosos do mundo, procura dar toda a informação possível, sem nenhum critério ideológico ou político. O critério ideológico ou político está na página de opinião do jornal.

Desafio qualquer pessoa a demonstrar qualquer interesse fora da nossa empresa jornalística. *O Estado* é um jornal que foi exclusivamente jornal a vida inteira e teve a felicidade de prosperar. Não foi a vida inteira um jornal poderoso economicamente. Graças a Deus sobrevive nessa época que nós estamos vivendo porque já era uma grande empresa econômico-financeira, que não dependia de nada, a não ser do próprio jornal.

Nós vivemos do pequeno anunciante que vai ao nosso balcão e anuncia, sem qualquer discriminação. Em 1º lugar, mais de 80% dos nossos anúncios são pequenos classificados. No mundo inteiro os jornais realmente independentes são os que realmente dependem principalmente dos classificados, exatamente porque é um anúncio que não provém do grande poder econômico. Isto de fato, nos deu uma condição excepcional não só no Brasil como no mundo inteiro. Por isso o *Estado* é considerado um dos 5 maiores jornais do mundo. Não é maior em tiragem porque, no Brasil, muito pouca gente lê jornal. Mas é maior por 2 fatores: 1º porque tem independência econômica que provavelmente se compara à liberdade econômica dos jornais mais independentes do mundo; 2º porque tem uma qualidade de noticiário que já foi testada inclusive pela Unesco e considerada talvez a melhor do mundo como informação.

Pode-se divergir de nossas opiniões. A maioria diverge, ideologicamente estamos em minoria. Mas, pra dar exemplo disso: meu pai - desculpem por falar assim tao pessoalmente, mas sei que a imagem que se faz da nossa família é muitas vezes deturpada - não deixou absolutamente nada além das ações de *O Estado S/A* e o apartamento que ele morava, que aliás é modesto, na rua Pernambuco. Não que eu esteja chorando miséria, mas é pra mostrar que *O Estado*

de *São Paulo* se tornou esta potência econômica que hoje realmente é.

E aí eu acho que há um ponto que eu devo focar aqui, porque os moços de hoje têm uma tendência de se esquecer de um fator essencial. Eu recomendo a todos vocês a leitura do que eu considero a coisa mais séria que já se escreveu sobre o Estado brasileiro atualmente.

E o estudo de um homem que eu não conheço pessoalmente, o sr. Celso Lafer, que não tem as mesmas idéias que eu. Ele não é o que eu considero um liberal, o liberal que alguns consideram reacionários, como eu sou. Ele analisa, sem tomar partido, a estrutura do poder estatal no Brasil. E demonstra, de uma forma absolutamente irrefutável, esta verdade que todos nós conhecemos, e vivemos aliás criticando em nossos editoriais: que provavelmente não existe no mundo - não-comunista, porque eu não falo em termos de socialismo ocidental, nas nações social-democráticas da Europa, como a Suécia ou a Noruega ou a própria Inglaterra - não há no mundo um país tão estatizado como o Brasil. Não há estado no mundo, fora o estado comunista, que tenha os poderes de controle da economia que tem o estado brasileiro.

Há uma questão de rotulagem: eu até hoje não entendi por que se considere o regime brasileiro um regime capitalista no sentido americano da palavra. Não há nenhum ponto de contato entre o regime econômico brasileiro e o regime americano. Mesmo o que resta da empresa privada brasileira, que é pouquíssimo (todo mundo na rua sabe que pelo menos 60% da economia brasileira está nas mãos do Governo); são empresas estatais ou diretamente geridas pelo Governo - ou na forma do que se chama em presas mistas, mas são empresas controladas pelo Governo que gere a economia nacional.

Não há país tão estatizado quanto o Brasil

A empresa brasileira particular sobrevive por favor do Governo e de acordo com os interesses do Governo, como acaba de ser demonstrado agora no caso da Consul-Phillips. O empresário particular não tem o direito de dispor de sua propriedade no Brasil. Não há forma mais violenta de estatização do que essa. A Consul, que não conseguiu convencer o Governo de que estava vendendo geladeiras por um preço que lhe fazia perder o dinheiro, resolveu vender a sua propriedade para uma empresa estrangeira. Não teve o direito de fazer isso. Portanto, é falso que a empresa privada tenha qualquer espécie de privilégio.

Eu vejo uma tendência para um desaparecimento violento e rápido da empresa privada no Brasil. Muito pouca coisa vai restar, muito pouca coisa já resta. No domingo passado, o *Jornal do Brasil* publicou um artigo de um dos autores da Lei da Sociedade Anônima, explicando este processo de estatização de uma forma objetiva e isenta. Amanhã (2.9.75) o *JT* já comenta este artigo e diz que este processo de estatização não é decorrência de uma política deliberada do Governo, mas nas condições naturais do estágio econômico em que o País se encontra. Como nós não temos mais capitais particulares em condições de enfrentar as necessidades de produção; e como o Governo absorve, através do sistema fiscal dos mais rígidos e mais violentos que existem no mundo, só o Governo dispõe de capital para desenvolver os grandes projetos econômicos. Não há particular, a não ser estrangeiros, em condições de desenvolver grandes projetos.

A razão desta dicotomia entre as grandes empresas multinacionais e as grandes empresas estatais é esta: o capitalismo particular brasileiro não entra em nada disso. Nem o nosso sistema financeiro permite, porque mesmo os bancos particulares brasileiros são absolutamente insignificantes em relação, em 1º lugar, aos bancos estatais, aos diversos organismos de crédito estatais - e muito mais em relação aos grandes financiadores estrangeiros.

Por esse lado, o Brasil já é hoje, no que diz respeito à produção de riquezas, um país socialista, não há dúvida nenhuma

ma nisso. E todos os economistas do mundo, seja qual for a sua tendência ideológica, reconhecem isso.

Quanto ao ponto de vista da distribuição de riqueza, isto é um problema de critério do Governo - uma vez que ele centraliza nas suas mãos 90% dos recursos financeiros de que o País dispõe. Ele estabelece a política de salários. Se uma empresa quiser amanhã, por loucura ou sei-lá-o-quê, dar um aumento de salário acima da tabela, ela não tem liberdade para isso. Daí, a pergunta **onde está a empresa privada? Onde está a liberdade empresarial no Brasil?**...

Estou convencido, ô Raimundo, que a nossa orientação ideológica diverge quanto aos meios de se chegar aos mesmos fins. As minhas prioridades são as mesmas que as suas. Tenho conhecimento das iniquidades sociais de um país como o Brasil, mas divirjo de você sobre a maneira de resolver rapidamente este problema. Eu vejo, diante de mim, na vitrine do mundo, 2 tipos de regime, analiso os resultados práticos desses 2 tipos de regimes e vou dizer aqui uma coisa que vai chocar vocês todos, que têm uma orientação absolutamente oposta a esta:

Eu acho que o regime sócio-econômico e político que mais se aproximou do ideal, que todo homem bem formado deve almejar para seu país, é o norte-americano. Com todas as barbaridades que se dizem a respeito e com todas as estupidezes que eles praticam. Diante do quadro que está na minha frente, eu quero para o meu país, em matéria de liberdade política, em matéria de justiça social, em matéria de direitos individuais, o regime americano. É o que mais se aproximou, ao meu ver, do ideal humanista. O resto é o regime de Gulag, é o regime Gulag.

Agora admito honestamente que você divirja disso, mas eu preciso que você me convença de que o regime socialista, que o poder do Estado é o poder menos execrável que o poder de uma empresa econômica, por exemplo. A minha luta é contra a exacerbação do poder do Estado. Acho que se você puder ter dentro da sociedade alguns poderes, ainda que baseado no egoísmo humano, que possam controlar o poder ilimitado do Estado, esse regime é superior àquele onde o único poder vigente é o Estado - e que nenhum outro pode se contrapor a ele. Todos os aspectos negativos da situação política que vivemos decorre exatamente do fato de não haver no Brasil qualquer tipo de poder que possa deter, controlar ou limitar o poder de um Estado que se apóia exclusivamente nas Forças Armadas.

Quando eu vejo que um país como os Estados Unidos, que é a nação mais poderosa que já apareceu sobre a face da terra, demitir um presidente da República, como eles demitiram o presidente Nixon, eu fico com inveja deles - e gostaria que no meu país fosse possível fazer a mesma coisa.

Raimundo interrompe. Diz que as grandes empresas também apóiam o Estado.

As classes produtoras estão acovardadas

Ruy - Eu diria que as classes produtoras se acovardam diante desse Estado. E outra coisa: se acovardam. Mas não que apóiem. Elas gostariam de ter uma liberdade que não têm. Se acovardam e não exercem o papel que, por exemplo, as classes produtoras norte-americanas exercem no sistema político norte-americano. Elas prefeririam mandar como normalmente mandam no regime capitalista; e não mandam nada, pois quem manda é o Estado. Agora, se isto favorece o interesse de algumas empresas é um fator aleatório. Mas elas estão permanentemente em divergência com o Governo pelo menos no que diz respeito à liberdade delas terem o lucro que elas gostariam de ter. Eu não estou justificando a posição delas, neste ponto acho que a interferência do Estado é perfeitamente legítima e, talvez, se a gente tiver um pouco de sorte, daqui saia um tipo de relacionamento positivo (entre o Governo e as empresas particulares que restarem) no sentido de que se, convença o empresário que hoje em dia uma empresa não pode ser de propriedade

exclusivamente particular, só atender aos interesses de seu proprietário, mas tem que se ater também aos interesses sociais coletivos.

Estudante - Durante a greve da ECA (Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, semestre passado) os estudantes receberam dos nossos grandes jornais uma palavra um tanto negativista quando não se colocavam as informações. Fizeram editoriais onde se via claramente a intenção de esvaziar nosso movimento. Como isso é explicado? Como liberal que diz ser, por que o "Estado" defendeu em editorial a intervenção em nossa escola? E qual a posição do "Estado" em relação ao movimento estudantil?

Ruy - Sempre que se trata de reivindicações exclusivamente estudantis e protesto contra o cada vez mais rápido declínio do nível de estudo, o Estado apóia o movimento. Sempre que há interferências políticas ou ideológicas nos movimentos estudantis, que deturpam a finalidade ostensiva desses movimentos, como foi o caso da Escola de Comunicações - que ficou bem claro em editoriais, onde nós recebemos inclusive advertências, onde talvez a agitação estivesse sendo provocada por gente da direita interessada em radicalizar o processo político - nós fomos contra.

Não concordo com os que defendem a idéia de que os órgãos de representação estudantis tenham que ter participação ativa na vida política do País. É claro que numa situação anormal, como nós diríamos hoje, não havendo os canais normais de expressão de vontade política, ainda você pode aceitar esse tipo de atuação nos movimentos estudantis. Eu participei disso no tempo da ditadura de Getúlio Vargas e não havia, naquele tempo, outra maneira de expressar oposição ou revolta contra o regime vigente.

Estudante - Existiria uma censura no "JT" para criar uma falsa ilusão de democracia? Por que o "Estado", a partir da liberação pela censura, deixou de criticá-la ao nível em que criticavam antes, visto que outros órgãos como "Veja", "Movimento", etc., continuam ainda com censura prévia?

Ruy - O próprio Raimundo citou um editorial do Estado publicado há 3 ou 4 dias, sobre a decisão do Supremo Tribunal declarando-se incompetente para julgar o problema de censura. Nós temos constantemente defendido a tese de que se justifica a permanência da censura em determinados órgãos de imprensa, principalmente quanto ao órgão de orientação que o Raimundo dirige hoje.

Quando a pergunta da autocensura no JT, para dar um clima de liberdade, eu posso repetir o que já disse aqui. O próprio governo nos considera inimigo dele, eu garanto a vocês que a nossa liberdade de publicar o que nós pretendemos é precária e que provavelmente não vai demorar o dia em que também isso vai desaparecer.

Sou muito pessimista quanto ao futuro imediato. Acho que de duas uma: ou o governo suspende a censura para todos os órgãos de imprensa, ou ele voltará, dentro de breve espaço de tempo, a impor a censura a nós também. Quanto a isso não há menor dúvida.

Um estudante pede a Raimundo que defina um liberal, já que Ruy Mesquita havia dito que vários presidentes revolucionários eram liberais. Raimundo começa a definir, mas Ruy Mesquita pede aparte.

Ruy - A pergunta deveria ser dirigida a mim, porque fui eu que classifiquei o Castelo e o Costa e Silva - jamais o Médici - de liberal. Há uma diferença nítida entre nós, que tomamos a atitude liberal que tomamos, porque esse é o nosso papel, e a posição de um presidente da República como Castelo Branco, que - embora liberal - foi obrigado por uma força superior a adotar posições que ele não queria adotar. Porque ele tinha a intensão de deixar o poder em uma situação normalizada, para não passar à história como ditador. Foi obrigado a ceder a um poder maior que o dele, que é o poder que nós chamamos de sistema, uma coisa muito difícil de definir, mas que em resumo é uma espécie de conselho das Forças Armadas, de MFA brasileiro, que decide na realidade os rumos políticos desse país.

Nós chegamos a uma situação política tão inédita que os ditadores brasileiros não têm poderes ditatoriais. Há

uma força superior que é o jogo do poder dentro das Forças Armadas brasileiras. É fácil de prever o que aconteceria se presidentes como Costa e Silva e Castelo Branco resolvessem enfrentar essas forças. Eu acho que não há atitude mais idiota para um homem público do que assumir, no jogo político, atitude desproporcional a sua força real. Aí ele será esmagado pelos adversários.

Pedindo para falar sobre as atividades das multinacionais em relação à imprensa, Raimundo Pereira termina falando sobre poluição; e diz que este é um problema de planejamento da produção.

Ruy - O Estado foi o jornal que o 1º levantou o problema da poluição, e que diariamente combate as medidas do governo que permitiram que a situação chegasse a esse ponto. Não há incompatibilidade nenhuma entre essa posição e a necessidade de se dobrar o polo (petroquímico) de Capuava (SP). Todos os técnicos de poluição já estiveram aqui fazendo estudos e chegaram à conclusão que, mesmo instalado, esse polo vai aumentar um centímetro a poluição que já chegou e que ninguém nunca negou. Fomos nós que levantamos essa lebre.

Estou de pleno acordo sobre a necessidade de se descentralizar o polo industrial de São Paulo e acho que morar em São Paulo hoje é quase uma teimosia. Tenho esse problema de garganta que você tem, todos os dias também (Ruy se refere ainda à poluição). Mas não significa que você tenha que parar com o desenvolvimento do país. Essa argumentação é a do capitalismo internacional contra o desenvolvimento de países como o Brasil, a Índia, etc.

Estudantes - A revogação do A15, do 477, a abolição da censura, dos instrumentos de exceção enfim, permitiriam à imprensa uma existência digna? ou os interesses e compromissos econômicos das empresas jornalísticas seriam tão prejudiciais à imprensa quanto a legislação governamental? Ou ainda: não adianta chorar arrependido pela Revolução que você ajudou a fazer? (risos). Qual a posição do Estado quando da queda do governo João Goulart?

Ruy - Essa pergunta serve para eu mostrar uma tese que sempre defendi. Quando a gente analisa uma situação presente, não se pode esquecer nunca a situação que a antecedeu. Seria a maior injustiça do mundo dizer que o golpe de 64, ou a Revolução, como queiram, teve uma geração espontânea.

Vocês são muito moços. Provavelmente a maioria dos que estão aqui me ouvindo, em 1964 não tinham idade para acompanhar o que acontecia. Mas o que houve no Brasil não foi uma revolução e nem um golpe, foi uma contrarrevolução e um contra-golpe. Exatamente nos moldes do que provavelmente vai acontecer em Portugal. Não foi o militar brasileiro que se reuniu em conchavos e resolveu tomar o poder. Ao contrário, custou inclusive depois da vitória dos militares golpistas - convenceu de que eles deveriam assumir o controle. A tese naquele tempo, na tradição dos golpes militares que houve no Brasil, era a de entregar imediatamente e o poder a um civil. Foram os civis que participaram da Revolução de 64, que fizeram pressão para que os militares assumissem diretamente o poder, que fizeram pressão para que os militares assumissem diretamente o poder, porque achavam que não havia nenhum civil para assumir o poder naquela época. Essa é a realidade.

Eu não choro absolutamente a minha participação. Eu, quando participei, tinha plena consciência que, no dia da vitória da Revolução, ia ficar contra ela porque não tinha ilusão nenhuma que ela ia ficar no caminho que evoluiu. Mas ainda assim acho melhor esse caminho que estamos seguindo, que o caminho por exemplo que a Argentina está. O preço que estamos pagando pelo que houve aqui, está havendo em toda parte do mundo, em se estabelecer um tipo de regime nacional-socialista, é muito pequeno comparado com o que outros países estão pagando. Incomparavelmente menos do que o do Chile, por exemplo. Incomparavelmente menos do que o da Argentina.

Estudante - Por que O Estado destaca na 1ª página a situação dos presos políticos da Rússia e dedica apenas um peque-

no parágrafo, nas páginas internas, sobre os presos políticos no Brasil? Sendo o Estado um jornal liberal, gostaria de saber por que a atitude passional desse jornal em relação a Portugal e em relação ao Chile?

Ruy - O Estado de S. Paulo destaca na 1ª página a situação dos presos políticos na Rússia, não dos presos políticos da Rússia; a reação dos militantes russos - o que constitui, na minha modesta opinião, um fato inédito na história de 50 e poucos anos de regime russo, quando se vê pessoas da importância do físico Sakharov e outros grandes intelectuais russos terem a liberdade de protestar e não desaparecer em um campo de concentração qualquer.

Quanto à situação dos presos políticos brasileiros, nenhum jornal tem defendido mais do que O Estado de S. Paulo, não só através de suas colunas (o que, aliás, às vezes é pouco inteligente, porque só pode prejudicar a situação desses presos políticos), mas em gestões pessoais e particulares que qualquer parente de preso político possa propor. A 1ª pessoa a quem eles recorrem, e o Raimundo sabe disso muito bem, quando se trata de conseguir qualquer coisa para melhorar o estado deles, é a nós do Estado de S. Paulo, exatamente porque adotamos uma posição, que eu considero inteligente, de não entrar com o meu peito numa faca de ponta para enfrentar um poder que pode me esmagar amanhã se quiser; mas de procurar encontrar uma maneira inteligente e uma saída para essa situação tremenda em que nós nos encontramos, principalmente no que se refere ao tratamento dos presos políticos.

Quem está fazendo a cobertura da situação portuguesa para nós é o Hermano Alves, que, como vocês devem saber, não pensa como nós, não tem as posições ideológicas que nós temos; está banido, está respondendo aí a vários processos contra ele, foi censurado mais do que eu, não recebeu de nós nenhuma instrução, a não ser a de ser objetivo.

Eu tenho a impressão que dar a Portugal, todos os dias, a 1ª página do Estado não é mais do que minha obrigação. Para mim Portugal e Brasil são a mesma coisa. O que acontece lá me afeta tão diretamente como o que acontece aqui. E ante a perspectiva de Portugal cair no domínio dos comunistas, eu acho que não faço mais do que cumprir a minha obrigação, senão dando o tratamento que estou dando ao noticiário que vem de lá.

Nenhum jornal do mundo, isso eu posso dizer com a consciência tranquila, apresentou um serviço jornalístico tão completo e tão objetivo, como o do Estado e o do JT, a respeito de Portugal.

Chegou a hora de aumentar os salários

Quando ao Chile, eu já disse e repito com a maior tranquilidade que, embora divergindo - como divirjo da situação que se criou aqui no Brasil após o golpe de 64 - compreendo perfeitamente a posição dos militares chilenos, que foram forçados a fazer o que fizeram pra evitar também que o Chile fosse completamente dominado por um regime totalitário do qual, então, ele jamais sairia porque teria o apoio de todo esse esquema internacional que funciona em apoio a ditaduras de esquerda. É possível se sair de uma ditadura de direita no mundo em que vivemos. É absolutamente impossível sair de uma ditadura de esquerda; e do círculo, do bloco de satélites da Rússia soviética, que exerce um papel (que os Estados Unidos, com toda a fama de imperialistas, se recusam sistematicamente a exercer), no sentido de apoiar qualquer tipo de regime.

De modo que eu repito que, discordando evidentemente de tudo o que se refira à tortura e à violência física, entendo e compreendo perfeitamente a posição dos militares chilenos que eram, até o dia de assumir o poder lá, um exemplo de exército que não interferia na vida política do país. Foram obrigados a intervir diante de uma situação muito semelhante àquela que levou o Exército brasileiro a intervir aqui.

Estudante - Após 11 anos, o problema que a Revolução se propunha resolver permanece. O desenvolvimento social e

econômico prometido pelos revolucionários transformou-se apenas num crescimento econômico cujo elevado custo social está sendo questionado agora. A que se deve esse lapso da Revolução? Os interesses das multinacionais não seriam os únicos a receber os benefícios dessa Revolução? Por que O Estado e o JT sempre tiveram uma linha oposicionista contra o ministro Albuquerque Lima em sua gestão? Foi por ser ele nacionalista e contra os testas-de-ferro das multinacionais?

Ruy - Exatamente. Eu diria que a pessoa que me faz essas perguntas tem idéias que não aceito, são opostas às minhas. Seria o caso da gente ficar aqui conversando até o amanhecer, eu tentando demonstrar a ele que ele está errado; e ele a mim, que estou errado. Estou cômico que estou defendendo os interesses do meu país quando combato as idéias nacionalistas, que considero a pior forma de reacionarismo. O nacionalismo xenófobo só pode fazer mal para o meu país. Sou, como já cansei de dizer, favorável ao capital estrangeiro como forma de desenvolvimento mais rápido para meu país.

Não concordo em geral com o que o autor da pergunta diz sobre a Revolução, face ao que vocês já ouviram a respeito dos aspectos políticos. Mas quanto ao ponto de vista da política econômica divirjo em alguns números e graus, mas concordo em gênero face à orientação geral: está perfeitamente correto e acho que os resultados obtidos em 11 anos são satisfatórios; acho que com isso estou de acordo com os que analisam com objetividade, sem preconceitos ideológicos. Ninguém pode negar. Se a riqueza, se o desenvolvimento não beneficiou a todas as classes (o que também acho que não é uma verdade; evidentemente beneficiou mais os empresários) é porque a orientação geral é essa; e não havia outra forma de se desenvolver o país na rapidez em que se desenvolveu, a não ser sacrificando os salários, que de fato hoje são ridículos. E eu acho que chegou o momento agora de se modificar a política salarial. O jornal está defendendo essa tese, mas há pouco tempo atrás isso seria contraproducente, iria prejudicar não só os empresários, mas principalmente os próprios assalariados.

Estudante - Como explica a falta de liberdade de expressão do jornalista dentro do jornal onde trabalha?

Ruy - Eu não concordo com isso. Se todos os dias você escrevesse a sua opinião dentro do jornal, acho que a empresa faliria. Quanto à orientação do jornal, é evidente: não há liberdade quanto à orientação da página editorial - quem dá a orientação são os diretores do jornal. Quanto ao trabalho dentro do jornal, há total liberdade com uma única recomendação: de se manter a objetividade humanamente possível na elaboração do noticiário. Não vejo exemplo no mundo, de jornal que possa ser feito de outra maneira - mesmo o caso único, que me consta, do Le Monde (França), que é propriedade dos redatores, onde não existe absolutamente discrepância de opinião. É propriedade de um homem que se aposentou, se afastou, e concedeu toda a liberdade aos redatores para que escrevessem o jornal da maneira deles. Evidentemente que em cada página há uma opinião diferente, não sei se há uma maneira de divisão que eles adotam, mas chegam a uma decisão sobre determinada linha que consideram "matéria da opinião deles" e escrevem nesta linha. Não vejo outra solução.

Estudante - Não haveria contradição entre o "JT" defender uma política econômica brasileira, e essa política econômica ser a sustentação por exemplo da falta das liberdades individuais?

Ruy - A política econômica é exatamente o que determina, num regime de liberdade empresarial. Desde que o governo controle totalmente a economia, é praticamente impossível que ele deixe de controlar todos os outros setores. Era a tese que o Delfim Neto defendia, que era preciso primeiro criar uma economia saudável, baseada no sistema da livre empresa, para depois poder construir um regime democrático; ester de pleno acordo. Sou fundamentalmente contrário ao regime de controle total da economia pelo Estado, porque acho que há uma incompatibilidade visceral entre esse tipo de economia e um regime de liberdades individuais.

A TELENÓVELA É A

O povo é meu parceiro. Um parceiro invisível, milhões de olhos, de ouvidos, braços, que colaboram comigo durante a feitura de uma novela. Vocês pesquisam, fazem perguntas a ele; eu tenho ele do meu lado, participando. Então, eu tenho a possibilidade de ter uma percepção um pouco diferente do que o povo é, do que o povo sente, do que o povo deseja, através de um laboratório que é a telenovela, que todo dia eu abro e vejo no ar.

Uma das coisas fascinantes da telenovela é poder fazer uma experiência diária. Você tem um laboratório aberto todas as noites, no qual você faz a experiência, e logo você tem a reação e pode aproveitar esse resultado ainda no decorrer da própria novela. A reação é um troço novo, que se manifesta de uma maneira inteiramente nova.

Você cria determinadas personagens que passam a viver. O povo as trata como seres vivos. Eu ignoro o lbope. Eu acho que um dado completo é a reação popular. O que não quer dizer que você tenha obrigação de agradar ao popular. Por exemplo, no início da minha segunda novela eu achei que o público de tv se chocava muito com minha formação brechtiana: não tinha distanciamento suficiente para criticar. Então se eu me propunha a fazer crítica da realidade brasileira eu não tinha platéia sensível, era uma platéia muito envolvida pela magia.

Então quando fiz Assim na Terra Como no Céu, eu invocava o tipo de vida de Ipanema. E eu necessitava de uma platéia crítica: eu ia colocar criticamente um estilo de vida. Então imaginei o seguinte: uma heroína, vinda da Zona Norte, chegava em Ipanema e, quando estava prestes a se destruir encontra um padre, por ele se apaixonava e volta a ser uma criatura dessas capazes de apaixonar qualquer espectador. Ela quer se libertar da barra pesada de Ipanema, casar - e aí a matam. A platéia passou a criticar a novela, "como é que o senhor mata uma moça pura, poderia até ser minha irmã, e conserva esse banqueiro porco, que vai casar com uma mocinha?" O pessoal passou a agredir a novela sem saber que, na verdade, estava assimilando aquilo que eu queria passar. Era uma prova de que eu estava enxergando as coisas. Eu tento levar o público a uma saudável tomada de consciência.

Eu acho o povo brasileiro um povo altamente desesperançado. Que procura algo em que se agarrar, nem que seja um mito, e encontrar saída para os seus problemas. Ele reage à colocação de seus problemas de uma maneira muito calorosa, muito emocional, mas reage também de uma maneira um tanto pessimista.

Tenho procurado abordar na tv uma temática brasileira, colocando os problemas do nosso povo, da nossa realidade, o tanto quanto a censura e a profundidade da televisão me permitem. E tem sido esse o meu trabalho há 6 anos. Não me arrependo absolutamente, acho que tem sido uma experiência altamente gratificante para mim.

A proposta de Roque Santeiro era justamente esta: encontrar uma maneira de contar autenticamente brasileira. Eu achava que geralmente a disposição das cenas na telenovela era plasmada na influência do cinema americano. Os atores também, na solução de suas cenas quase sempre adotavam padrões. Os diretores do mesmo modo, partiam de grandes filmes. Então eu proponha uma lavagem cerebral em mim e no texto, pra começo de conversa, e depois na direção; e que os atores também procurassem um comportamento autenticamente brasileiro.

Por exemplo, quando houvesse uma briga, que não fosse uma briga como no cinema americano. Brasileiro geralmente não briga de soco. Geralmente, quando se vai fazer uma cena de luta, a maneira que o sul-americano consagrou é a americana: o boxe.

Brasileiro briga com pontapé, rolando no chão, metendo o dedo no olho; é uma briga livre, a nossa. O nosso idioma também tem o seu som, é muito onomatopaico, principalmente no Nordeste. E não se transmite porque os atores estão muito preocupados com determinados padrões de postura, de inflexão de voz.

Tudo isso consistia em encontrar uma linguagem que não fosse calcada no cinema, que fosse alguma coisa que partisse da nossa maneira de pensar; a gente mesmo não sabia onde ia dar, mas que fosse um ponto de partida. Daí eu ter buscado os cantores populares, os mitos populares para ser o background de Roque Santeiro. É uma história popular cantada de maneira como a cantaria um cantor nordestino. É difícil de explicar; é uma coisa que a gente tem de transmitir para elaborar. E aí você sentir a reação popular de calor ou de frieza.

Usando a realidade brasileira, não posso menosprezar qualquer elemento. Agora você me pergunta: "Por que tem sempre padre na tua realidade?" Porque sempre tem padre na sua vida, em qualquer parte que você vá tem sem-

pre (ver capa). O padre é a figura da História do Brasil, desde a Primeira Missa, que foi rezada por eles. O padre numa cidade do interior é uma figura importante. São elementos de determinada realidade que eu procuro analisar.

Não procuro soluções; não compete ao teatro apresentar soluções. A função do teatro é conscientizar, mais nada. Do teatro não sai revolução, nem da televisão. O máximo que podemos pretender é levar ao povo a consciência de seus problemas. Mas quais são esses problemas, nós não vamos botar na tv. É um dado histórico.

Eu fui pra televisão por motivos praticamente econômicos. Estava impossível continuar fazendo teatro. O teatro sofreu a partir de 64 um estrangulamento cultural, econômico e político. Eu teria que optar; fazer um teatrinho dito político, abandonar a minha linha de pesquisa; ou então procurar outro meio de vida. O teatro é considerado não sei por que como uma fonte de subversão, capaz de abalar os pilares do regime. É ridículo! Ridículo que nosso teatro de elite seja considerado subversivo. Embora a minha geração de dramaturgos tenha apontado na década de 50 uma bandeira de teatro popular e político, na verdade o nosso teatro nunca chegou a ser político, quanto mais popular. Um teatro popular no palco; e na platéia a elite!

Dessa contradição palco-platéia nasceu a minha frustração e o fim total de qualquer propósito. Para que nossas propostas pudessem caminhar, seria preciso que o governo se interessasse e tivesse a cultura como uma de suas metas. Mas nós jamais tivemos um governo desse tipo.

Às vezes, os políticos nos tratam bem. Somos os homens que manipulam a opinião pública. Mas atitudes concretas absolutamente nenhuma. Se não há em relação a artes mais elitistas como teatro, literatura, cinema, não deveria haver evidentemente com uma forma de arte popular. Nunca a cultura foi meta do governo. O único homem que falou de cultura neste país era louco: Jânio Quadros.

Então, era inviável a minha profissão de dramaturgo. Daí eu ter ido para a televisão. Estava no meu campo de trabalho, encarei assim. E já que tinha de fazer televisão, decidi suar a camisa, como faço no futebol de praia. Foi essa a minha atitude inicial. Eu sou obrigado a escrever 20 laudas por dia. O trabalho é 95% braçal. Quando termino uma novela pareço um trapo, pois passei 7, 8 meses escrevendo 20 laudas por dia, impedido de ir a teatro, cinema, ver amigos - é realmente desumano. Mas não tem jeito, não depende da direção da Globo, porque telenovela é um gênero que inventamos e que só pode ser feito dessa maneira.

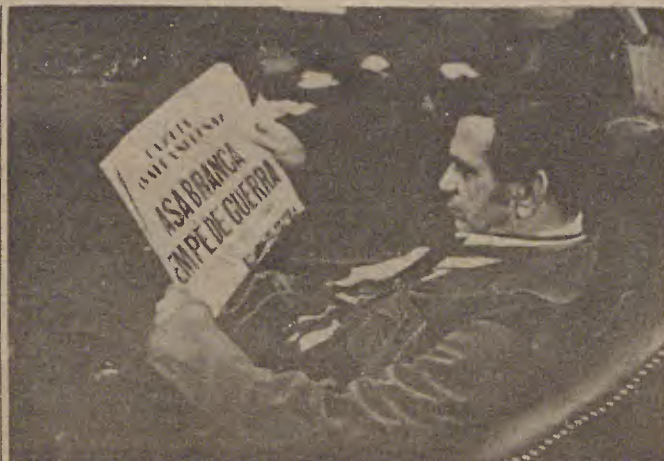
Nessa profissão suicida que é escrever telenovela (a censura é pior que os incidentes da produção; o autor torna-se um alvo de tensões, tanto é que Jorge Andrade escreveu uma novela só; e Lauro Cesar Muniz, que escreveu Escalada, do meio pro fim teve que escrever com um médico na cabeceira), eu descobri a televisão com todos os preconceitos que levam para ela, numa atitude, reacionária que os intelectuais tinham e alguns ainda têm. Tenho um amigo artista plástico, que diz:

- Nunca tive um aparelho de tv, nem nunca terei, jamais deixarei entrar na minha casa.

Um ótimo sujeito, grande amigo, mas com uma posição altamente elitista. Eu sinto nos intelectuais anti-tv uma atitude ultrapassada; intelectuais com atitudes - classificados de burros. Era moda dizer que se era contra a televisão, no Brasil. Os verdadeiros intelectuais já entenderam; só persistem os subintelectuais. Ignorar a tv hoje é não poder interpretar o sistema. Há toda uma geração que está aí se desenvolvendo, essencialmente formada pela televisão. A minha atitude diante da televisão é de seriedade. A mesma com que eu fazia teatro. E descobri, de repente, que tinha nas mãos um poderoso meio de expressão e que todos os preconceitos contra ela eram idiotas.

Mas diante da tv eu tenho que me exercitar, porque descobri que ela é a forma de expressão do nosso tempo. A televisão nivela tudo. É terrível e violenta, enquanto está sendo visto, e extremamente precária depois que passa. Como é o nosso tempo. Nós vemos ídolos serem feitos da noite para o dia. Aquilo que nos tempos antigos era um processo de um século, hoje é feito em 2 ou 3 anos. Hoje há um tremendo esforço, para se conseguir muito pouco - se você considerar o fator tempo, a duração da mensagem (não o fator impacto, que é o maior que qualquer arte jamais pôde pretender).

E a gente sempre tem medo de pronunciar a palavra arte. Essa é uma atitude de espanto diante de uma coisa nova. Ainda há uma atitude de espanto diante da televisão! Como houve espanto em relação ao cinema. Até os anos 20, ninguém chamava o cinema de arte! Nem Lumière pôde prever que o cinema seria chamado de arte. E todos esses preconceitos que existiram contra o cinema, existem hoje com a televisão.



ÚLTIMA TRINCHEIRA

Dias Gomes

Ela é tudo do nosso tempo. Ao mesmo tempo uma coisa poderosa, que atinge milhões em determinado momento – uma associação assim de poder e fraqueza ao mesmo tempo. Você pode assistir um combate em algum país, ver pessoas morrendo naquele mesmo momento diante de você. Você tem este poder divino de ser onipresente através da sua pequena janela, a tv. E ao mesmo tempo você é terrivelmente impotente porque não pode fazer nada por aquele país. Esta sensação de potência e impotência é própria de nosso tempo. O mundo pode ser destruído num apertar de botão.

Quer dizer, nós adquirimos o poder dos deuses e a fraqueza imensa da criatura humana. Não poder fazer nada, diante do sistema.

A telenovela, eu acho que foi a única coisa que a televisão brasileira inventou – o resto é cópia do rádio e da televisão importada. Esta característica da telenovela, de arte que está acontecendo é que até mesmo ignora o que vai acontecer, todos os fatores, a censura, a morte de um ator, uma atriz que engravida – esta característica criou uma fórmula nova de expressão; de todas, a mais aberta: é talvez a única arte realmente aberta que existe. Na medida em que você executa recebendo a colaboração de uma platéia imensa, recebendo colaborações dos próprios artistas, realizando uma arte que não aconteceu, mas está acontecendo – porque ela acontece dia a dia, e nesse dia a dia a reação do público influi nos acontecimentos, na vida cotidiana, na solução. Porque ela entra dentro da sua casa, se intromete na sua vida, quase que violenta a sua própria vontade, te obriga a ver. É gratuita, mas também não pede licença.

A telenovela vem da Argentina, Cuba, México, que são os países que inventaram a novela radiofônica. O que existe no Brasil é uma coisa completamente diferente. A telenovela transformou-se, desligou-se quase de suas origens – não todas as telenovelas. As da Globo têm estas características. A influência do cinema americano e europeu, do romance moderno, e histórias mais complexas com um aprofundamento maior de personagens, enredos e subenredos. Então é esse produto que já foge às características lineares. É uma outra coisa, que está muito mais aparentada ao cinema e ao romance moderno que às suas origens.

Por que acontece isso? Acho que fundamentalmente pela falência do teatro como arte de massas, embora tenhamos levantado aquela bandeira do teatro popular; e o cinema transformou-se num cinema hermético, numa total incomunicação.

Acho muito cedo fazer um balanço da influência da tv sobre outros tipos de arte. Também é uma característica do nosso tempo: exigir as coisas num espaço de tempo muito pequeno. Pois já se pergunta sobre o fim das telenovelas! O que é uma coisa altamente ridícula. O teatro, que tem mais de 2 mil anos; e perguntar sobre o fim do teatro eu já acho uma coisa idiota. Então, uma coisa que começou ontem, onde ainda estamos engatinhando, procurando a linguagem, e há os idiotas que escrevem para jornal: "Há sintomas de que a novela vai terminar." Esses caras que ficam querendo analisar uma novela por padrões literários, é uma atitude inteiramente furada. Em 1º lugar eles precisam encontrar novos padrões estéticos.

A novela resolve o problema de toda a faixa de horário diário. Quando você faz um programa, você resolve o problema de um dia da semana. A novela resolve uma faixa inteira, você ganha uma sustentação do público; em termos de estratégia está certo. E a novela brasileira está sendo exportada. Irmãos Coragem foi lançada no México não como novela: foi lançada como uma série americana, diária, às 9 h da noite, numa emissora que estava em 5º lugar de audiência. E o que aconteceu? A emissora passou para o 1º lugar naquele horário. Foi uma revolução.

Causa muito estranheza aos americanos, que seus enlatados não consigam entrar no horário nobre da programação brasileira. Li uma vez um artigo que analisava o que havia no mundo todo, e o articulista constatava que no mundo todo a programação era parecida, toda importada da América. Estranhamente, no Brasil, havia às 8 h um seriado brasileiro; às 9, um programa de humorismo brasileiro, às 10, Bandeira 2 (de Dias Gomes – NR). Em todos os outros países, a não ser onde as televisões são estatais, os horários nobres exibem a programação americana.

A telenovela foi a única trincheira que nós conseguimos, a única barricada que conseguimos levantar, contra a invasão dos enlatados americanos. Então, quando os pseudo-intelectuais atacam a telenovela, torcem pelo fim da telenovela, estão sendo profundamente antibrasileiros, antipopulares, antiintelectuais. É realmente a única trincheira. Não houvesse a telenovela, e os horários das 6 às 10 estariam importando para nós uma cultura que não é a nossa, deformando a cultura brasileira. E nós estaríamos também mandando

royalties para fora. Estamos criando campo de trabalho, de experimentação brasileira.

A Globo começou a industrialização da tv brasileira, que exige dos empregados, evidentemente, o máximo – como toda indústria. Ela é uma empresa altamente capitalista. As pessoas que manuseiam os aparelhos, os tapes da Rede Globo, são técnicos feitos há pouco tempo. São jovens, feitos aqui no Brasil, que erram, que têm know-how precário e evidentemente quando já erros, devem expedir seus memorandos.

Se eu tenho de escrever 20 laudas por dia, o ator também tem de decorar as 20 laudas. E o diretor tem que gravar estas 20 laudas. Então, a desumanidade no meu trabalho existe em relação ao diretor, em relação aos técnicos. Agora, isso é porque a gente inventou um troço como a telenovela, a gente inventou uma coisa que tem o seu lado fascinante, o fascinante de ser novo; mas tem o negativo de exigir um tipo de trabalho que realmente não está de acordo com o trabalho intelectual a que estamos habituados. Mas não tem saída. A saída destrói o meio.

A crise da censura? Não pode ser analisada isoladamente. Este fato atinge teatro, cinema, muitas peças foram proibidas. A crise, realmente, não é da telenovela. A crise é da cultura brasileira.

(Depoimento a João Antônio, Hamilton Almeida Filho e Paulo Patarra).

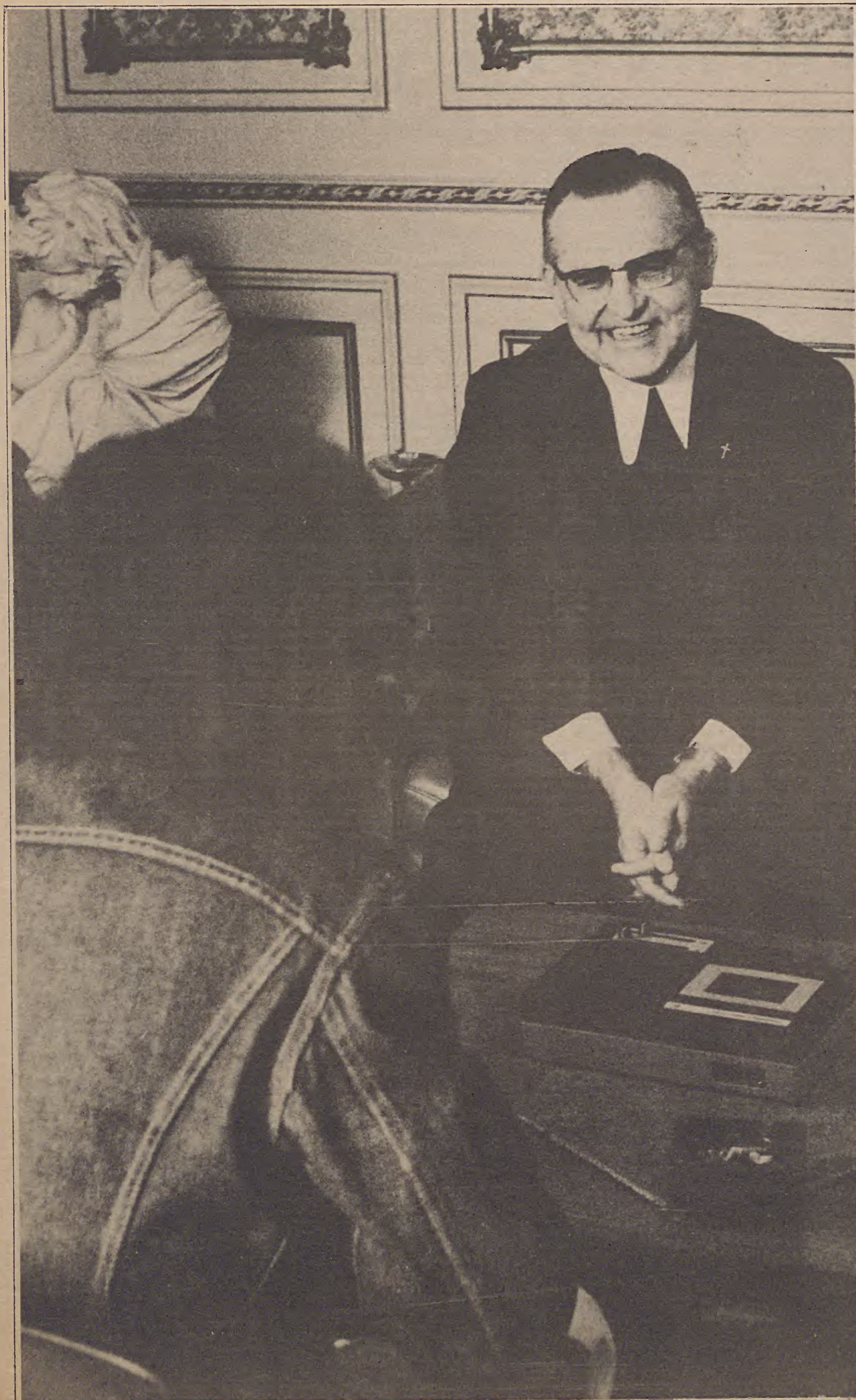
FOTOS ELVIRA ALEGRE



**A Fabulosa
Estória de
Roque
Santeiro
e de sua viúva,
a que era
sem nunca
ter sido.**

ESCRITO POR DIAS GOMES

EXTRA



"A ETERNIDADE COMEÇA HOJE"

O 1º contato do Ex com o jornalista Paulo Evaristo foi em uma reunião de pauta de "O São Paulo" (jornal da Arquidiocese de SP). Para a reunião, convidados, compareceram alguns editores, em dezembro de 1974. O 2º contato começou quando o Ex procurou a assessoria de imprensa da Cúria de SP, entregando uma coleção do jornal e pedindo uma entrevista com o Cardeal Arns. Esta entrevista foi gravada nos dias 7 e 8 de agosto, na sala de Dom Paulo, na Cúria.

Ficha do entrevistado: Paulo Evaristo, 54 anos (14 set 1921), jornalista, escritor, ser humano e cardeal. O Cardeal Arns trabalha na arquidiocese de SP desde 66. Dentro da Igreja é franciscano e comanda a maior arquidiocese deste mundo. A Cúria de SP não confirma o último dado "...afinal, quem é mesmo católico em São Paulo?" Nós consideramos Paulo Evaristo um grande jornalista. Os repórteres: Hamilton Almeida Filho, Mylton Severiano da Silva, Narciso Kalili e Gabriel Romeiro.

Gabriel - Dom Paulo, como é que o senhor diagnostica as angústias do povo brasileiro hoje? Quais são elas?

Dom Paulo - Bom, depende muito do campo, da área. Há angústia primeiro daqueles que têm fome. Os senhores talvez não estejam a par de uma coisa que mandei fazer aqui em São Paulo, mais por interesse exclusivo meu. Diziam que São Paulo era uma cidade em que todo mundo ganhava bem e é o que se conta no Brasil. Então, eu mandei investigar e mandei fazer num instituto da mais alta responsabilidade um levantamento, e chegaram à conclusão que há mais de 500 mil pessoas em São Paulo que ganham abaixo de um salário e meio. Então, desse ponto de vista, há mesmo fome. A mesma coisa que me angustia em São Paulo, me angustia no Brasil sobretudo pensando naquela verificação de um médico, numa reunião nossa, bem ampla. Um médico que conhece mais ou menos toda a produção e necessidade - porque também é especializado em dietética - disse ele que a produção do ano passado poderia ter dado suficiente e boa comida para todos os brasileiros, desde que tivesse havido distribuição, desde que tivesse havido poder aquisitivo de uma boa parte de nosso povo que não a tem. Isso me impressiona muito, mas não é evidentemente o meu campo especializado. Agora, na parte social, o que me impressiona demais é que, na hora em que o mundo chega a ser uma aldeia global, o povo de São Paulo tenha certo medo de relacionar-se, certa dificuldade de assumir, por exemplo, os problemas dos outros. Vive com receio de comunicar-se, numa hora em que tanto precisa dessa comunicação. Os motivos talvez vocês os possam indicar melhor que eu. Também me impressiona que neste momento ainda se imponha censura, até em jornal como o nosso **São Paulo** e outros, quando a censura afinal prejudica todas as outras expressões de liberdade, ou ao menos as tentativas de sermos livres e conscientes. E é esta a condição humana: se não formos livres e conscientes, não temos mais nada de especial, de humano. Há certas coisas que me preocupam. Mas eu diria: neste momento e nesta semana me preocupa o próprio termo **política**, porque me parece que se nós não pudermos mais dizer que política é a preocupação da **polis**... **Polis** é cidade (desculpe que eu seja formado em língua grega), mas se **polis** não significa mais cidade, se política não significa mais interesse em tudo que existe na cidade, se a política não entra mais pelas veias mesmas do organismo humano, então eu não sei mais o que é política. Parece-me que, da Grécia do 5º século, nós retrocedemos 25 séculos em vez de avançarmos. Porque, na Grécia, política significava participação do cidadão em tudo o que se fazia na cidade e, se o cidadão mesmo não podia estar lá, podia escolher outros que lá estivessem em seu lugar, para preocupar-se com os problemas da comunidade. Então, estes compartimentos divididos a nossa sociedade, embora de maneira teórica se deva fazê-lo, me parece que prejudicam enormemente nesta hora. E eu acho que os políticos deveriam refletir sobre isto, se não daqui a pouco, a História dirá a eles que foram covardes diante de sua própria missão.

Narciso - Padre, o que a Igreja está fazendo, o que Dom Paulo Evaristo Arns, o que a Arquidiocese, o que o jornal "São Paulo" está fazendo para minorar essas angústias? Prá tentar encaminhar a resolução desses problemas?
Dom Paulo - Bom, eu poderia analisar

alguns aspectos, embora seja muito difícil falar em nome da Igreja, mesmo de São Paulo. Vocês têm aqui 1.500 padres, 5.000 irmãs, dezenas de milhares de pessoas interessadas, que vivem as nossas aflições e esperanças. É difícil dizê-lo. Mas eram 3 os pontos que eu gostaria de ressaltar. A primeira coisa: me parece sumamente importante que em toda parte haja grupos conscientes, que nós chamamos **comunidade de base**, que vivam os problemas daquele ambiente e tentem as soluções a partir de si próprios, e comecem a interessar todos os outros que estão em torno. Acho que isto é um esforço grande, feito no Brasil inteiro, e que em São Paulo mereceu um apoio todo especial. Me parece muito importante que o povo comece a mobilizar-se, na hora em que ele também recebe sua parte de instrução, sem talvez a consciência dos problemas. Em segundo lugar, nós temos uma assim chamada **operação periferia**, quer dizer, nós imaginamos que todo esse pessoal que vem do interior para cá, pode, por um lado, tornar-se um peso para a cidade; e por outro lado, pode renovar também uma cidade que se tornou bastante egoísta, no sentido de cada qual defender o seu patrimônio, a sua pequena família, e não se interessar mais pelos grandes problemas. É palavra de um grande político de São Paulo: **"É muito difícil interessar qualquer jovem no dia de hoje pela política"**. E isso pouco antes das últimas eleições. Parece-me que 15 de novembro deu uma esperança, mas essa não chegou a concretizar-se tanto quanto a juventude esperava e por isso pode haver um novo desalento. Agora, a **"operação periferia"** quer fazer com que este povo, que ainda é um povo assim... digamos puro, um povo de alma forte também, que ele entre também dentro de uma História e entre para renovar um pouco essa História. Mas talvez não seja esta a resposta que vocês estejam esperando. A mim me parece que nós deveríamos todos juntos tentar levantar um pouco a crença na capacidade do Homem de refazer as coisas, eu acho que nós deveríamos de novo provocar uma, não sei, uma onda de confiança na juventude, nos políticos. Não sei, me parece que todo mundo está fugindo um pouco do que devia fazer, por medo ou não sei por quê, ou para deixar a uns poucos a decisão - talvez seja mais fácil.

Narciso - Mas vai continuar mesmo?
Dom Paulo - Acredito que há um momento agora de se decidir se vai ou não vai, por causa da urbanização, de tudo que há em torno. Por ocasião de certos conflitos, o povo volta novamente à religião. É curioso, mesmo os que não creem, os que se acreditam superiores a tudo; tudo volta novamente à Igreja para encontrar uma esperança.

Narciso - Como a Igreja pode chegar mais perto?
Dom Paulo - E, eu acho que a Igreja pode e deve chegar mais perto, se ela realmente começar a entender a linguagem do povo e sobretudo a religiosidade popular. Esse é o grande desafio e é a prioridade de toda a Igreja no Brasil.

Gabriel - Diante do aparecimento crescente de uma série de movimentos religiosos no Brasil todo, que atendem a angústias muito imediatas do dia-dia, da vida familiar, do povo, o senhor não acha que a Igreja sai perdendo?
Dom Paulo - E, muitas vezes ela sai perdendo porque não acredita muito na magia, não acredita muito no grande milagre, não é?

Gabriel - Mas houve tempo em que ela acreditou em milagres?
Dom Paulo - O povo se deixa conquistar mais facilmente. Se a Igreja se deixasse levar por uma chantagem, seria mais fácil, não é? Ela tem que ficar na verdade, ela tem que ficar na verdade mesmo, ela tem que ser cônica de que é educadora e que ela não é uma firma comercial.

fazer em outras épocas, com homens da ação católica, ou grandes líderes que surgiram. Não sei, será difícil dizer o que que em São Paulo nós estamos fazendo para solucionar esse problema.

Narciso - É possível dizer agora que a Igreja em São Paulo, a Igreja no Brasil está mais afastada do povo do que já esteve?

Dom Paulo - É certo que a Igreja neste momento não está influenciado. Qual era a pergunta mesmo?

(Narciso repete a pergunta)

Dom Paulo - Pois é, são essas contradições. Você poderia dizer: olha, a Igreja está perdendo as massas; e eu diria para você: bom, anteontem (5, agosto) morreu o bispo de Mogi das Cruzes (**Dom Paulo Rolim Loureiro**) e a Igreja não usou nenhum meio de comunicação, não tem nenhum, e as massas que para lá vieram... mas foi simplesmente uma coisa. Não tinha espaço em Mogi, nem na praça pública, nem na igreja, nem nas ruas adjacentes, nem nada. E não era por causa de tal ou tal homem, mas era por causa de um bispo que lá morreu. Simplesmente o povo veio, o povo. Um outro bispo lá de Itapeva, nunca tinha pisado na cidade, vai tomar posse e, desde não sei quantos quilômetros, é só povo e mais povo. E mais povo cantando alegremente. Todo mundo vai pra rua, é contágio, é interesse, e... o que é isso? Quando não se faz propaganda, nem nada, a coisa acontece simplesmente. E uma vez a gente tem a impressão de que existe uma Igreja oficial, também em São Paulo, que fala uma linguagem para a classe média, um pouquinho acima até, e que o povo vai vivendo a sua religiosidade, como quer, em casa, etc. Mas há certos momentos em que os dois se encontram e aí a Igreja sente que está na alma desse povo, há 400 anos, e que vai continuar.

Narciso - Mas vai continuar mesmo?

Dom Paulo - Acredito que há um momento agora de se decidir se vai ou não vai, por causa da urbanização, de tudo que há em torno. Por ocasião de certos conflitos, o povo volta novamente à religião. É curioso, mesmo os que não creem, os que se acreditam superiores a tudo; tudo volta novamente à Igreja para encontrar uma esperança.

Narciso - Como a Igreja pode chegar mais perto?

Dom Paulo - E, eu acho que a Igreja pode e deve chegar mais perto, se ela realmente começar a entender a linguagem do povo e sobretudo a religiosidade popular. Esse é o grande desafio e é a prioridade de toda a Igreja no Brasil.

Gabriel - Diante do aparecimento crescente de uma série de movimentos religiosos no Brasil todo, que atendem a angústias muito imediatas do dia-dia, da vida familiar, do povo, o senhor não acha que a Igreja sai perdendo?

Dom Paulo - E, muitas vezes ela sai perdendo porque não acredita muito na magia, não acredita muito no grande milagre, não é?

Gabriel - Mas houve tempo em que ela acreditou em milagres?

Dom Paulo - O povo se deixa conquistar mais facilmente. Se a Igreja se deixasse levar por uma chantagem, seria mais fácil, não é? Ela tem que ficar na verdade, ela tem que ficar na verdade mesmo, ela tem que ser cônica de que é educadora e que ela não é uma firma comercial.

Narciso - A saída não estaria na vivência dos problemas reais do povo?

Dom Paulo - E, acho que aí está. E é por isso mesmo que eu dizia que só pelas comunidades dentro do povo é que nós vamos chegar novamente ao povo. Mas é o povo mesmo que deve assumir o povo.

Hamilton - O senhor frisou também, quando o senhor falou da comunicação, que às vezes se surpreende do contato do povo com a Igreja. O senhor falou que brota um espírito de religiosidade nato do povo, não é?

Dom Paulo - E que voltamos à alma profunda, religiosamente ligada à Igreja, e que tem alguns sinais de que não larga; o próprio bispo, o papa, é um sinal para esse povo. Nossa Senhora é um sinal para esse povo. Algumas coisas que eles aprenderam dos avós, não sei, mas qualquer coisa prende-se a isto e fica, e eu sou testemunha disto cada domingo. Para as periferias para onde vou, é só fazer um pouquinho de propaganda, são 10 mil, quantas pessoas lá. E a gente fala a eles e eles falam pra gente, não é? Se vê que eles falam pra gente. Trabalhei 10 anos nos morros lá do Rio, 10 anos e meio, todo o tempo, não? férias, todo o tempo.

Narciso - Mas padre, a gente podia dizer que a Igreja Católica vive uma crise no Brasil, hoje?

Dom Paulo - E, eu queria chegar a um segundo ponto, e depois a este... é, realmente você tem razão, mas eu queria dizer também que a Igreja antigamente tinha mais prestígio porque influiu. Qualquer problema maior e alguns bispos iam falar com o Getúlio para resolver. Isso ela não faz mais. E não faz por convicção, também, embora também não seja chamada pra isto. Mas não o faz por convicção, não é? Ela faz muito mais dizendo o que não lhe agrada, que não está de acordo, do que para ir lá e decidir com um gesto diplomático. Então perde uma influência, que para muitos é preciosa.

Hamilton - Pode-se estar fazendo uma confusão, mas é porque a época é outra?

Dom Paulo - A época é outra e parece também que o dever da Igreja antigamente, talvez, também fosse este. E talvez se fosse outro não o fizesse, não é? também pode ser. O senhor fazia uma pergunta. Pode repetir agora que fica interessante.

Narciso - Se a Igreja não está vivendo uma crise? Por causa disso tudo, por causa de toda essa problemática?

Dom Paulo - Bom, a Igreja é um pouco o reflexo do mundo, não é? Quando os outros estão em crise, nós entramos em crise porque somos o mesmo povo, a mesma gente. E isto de estar em crise... Não dá para pôr a Igreja aqui, como coisa que é preservada. Seria até pena se ela não entrasse em crise. Ela tem que entrar em crise.

Narciso - E o ponto central é que a Igreja ainda não encontrou a forma de se inserir, não é? a forma de se ligar ao povo, outra mensagem, os sinais dela serem renovados, a mensagem se renovar? Ela está toda renovada, só que não chegou ainda...

Dom Paulo - Não chegou até lá, mas também há o seguinte: é que o Brasil não é um Brasil. São muitos Brasis. Então, o sinal que para você é verdadeiro, para aquele que vem agora do interior da Bahia ou de Minas não serve, não é o sinal para ele. Assim estamos vivendo

numa contínua ambiguidade, não? ... nessa transformação. Então os sinais não acompanham, não é? Os que trabalham na periferia têm uma linguagem diferente dos que trabalham no centro. E então a crise propriamente nossa, da Igreja, é a crise da comunicação, não é? A crise da comunicação. E como a Igreja só tem a missão de comunicar, não tem outra missão, ela vive duplamente o problema.

Narciso - Mas alguns movimentos da Igreja, ou ligados à Igreja, conseguem sucesso. Vou citar 1: a TFP. Que tipo de coisa eles usam que conseguem essa ligação com o jovem?

Dom Paulo - Teve sucesso com certa camada de jovem com quem consegue comunicar-se. E a camada é bastante restrita. Quer dizer, a que assume não é? Não é forte no sentido nem de número, e talvez nem seja forte no sentido assim de terem uma missão verdadeira. Mas ela atinge determinada camada com a mística. Aliás, a mística nasce muito na Igreja e em todos os movimentos religiosos. Você vê, mística do cursinho, você vê a mística, não sei se conhece, do movimento Focolari, que reúne milhares de jovens aí. Aliás, uma beleza não é? estar no meio deles naquela hora. E movimentos, digamos, Casais com Cristo, e outros que se propagam como o fogo, não é? Nós estamos numa época de mística. Não estamos numa época de muita racionalidade, não é? E esta é uma época em si perigosa para a política, perigosa para a religião e para muitas outras coisas. No momento em que o homem se deixa empolgar facilmente, você sabe também que os que empolgam podem ser facilmente mistificadores.

Narciso - É o caso da TFP, padre?

Dom Paulo - Bom, eu não estou aqui para julgar TFP, porque muitos a estão julgando. Quando muitos julgam, a Igreja costuma não dar opinião, não é? A TFP partiu realmente de uma mística religiosa, mas no momento se recusa a aceitar a orientação da Igreja Católica... por isso a Igreja Católica também não terá mais motivo de julgá-la, não é?

Narciso - Ela é uma entidade separada da Igreja...

Dom Paulo - Absolutamente separada da Igreja. Absolutamente separada da Igreja como entidade.

Gabriel - É juridicamente separada, não é?

Dom Paulo - Usa símbolos e movimentos antigos religiosos para manter a mística. O que eu acho que é indêbito, não é? Se a gente quer pertencer a uma sociedade deve cumprir as leis dessa sociedade.

Gabriel - É, mas a gente pode dizer que ela não seja ligada de modo algum à Igreja de São Paulo, onde o senhor é o bispo e pastor. Mas existem outras Igrejas do Brasil onde ela está ligada.

Dom Paulo - Não. Estão ligadas a pessoas de igreja; porque elas próprias se etiquetaram como não-ligadas à Igreja, não é? Cada vez que vieram falar comigo, sempre foram honestos em dizer: "nós somos uma sociedade civil; agora como pessoas, nós podemos praticar e praticamos e incentivamos a prática religiosa."

Hamilton - O senhor falou da crise da comunicação e também, antes, falou que o homem é o principal objetivo. Por ler "O São Paulo", ter acompanhado "O São Paulo", eu tenho visto um grande esforço a partir das notícias que saem no "O São Paulo", de tudo o que está sendo debatido dentro da Igreja ser levado para este ângulo. O Congresso Eucarístico recentemente em Manaus... ele foi todo baseado na tese do repartir o pão. Eu gostaria que o senhor falasse um pouco a respeito.

Dom Paulo - E, essa questão de colocar o Homem no centro de tudo é de fato forte preocupação da Igreja... Se nós aceitamos como tese fundamental que Deus se fez Homem para o homem ser gente, não é, então é prá valer. Fazer de outro jeito é ir contra a própria missão. Mas a gente facilmente fica presa à instituição, porque tem que garantir a continuidade; pode esquecer o homem, pode começar a esquecer São Paulo. Agora, é preocupação de todos, não só porque a situação no Brasil o exigia. Acho que é mais ou menos uma atenção do mundo inteiro voltar-se para os homens que ainda não atingiram o mínimo para poderem comunicar-se, para poderem participar da vida humana. É um pouco a preocupação de todo mundo, mesmo que alguns se oponham a isso. Sentem o problema dentro de si. O que não se podia dizer uns 20 anos atrás. Acho que então tinham mais ou menos a idéia de que uns eram mesmo privilegiados por natureza e outros tinham que sofrer. Hoje seria difícil, alguém defender isso conscientemente. Desta maneira a Igreja vai, caminha com o tempo, com o mundo, etc. Que ela, lá em Manaus ou aqui, tenha escolhido um tema especial assim, é um pouco porque o episcopado de todo o Brasil há alguns anos vem se voltando constantemente para aquela tese que Paulo VI propôs na **Populorum Progressio**, de que o homem é o centro do desenvolvimento, não é? Paz mesmo significa desenvolvimento, não é? Então, mais desenvolvimento significa integração. Em **Medellin**, os bispos da América Latina, diziam: "cada homem tem de tomar a sua história na mão". Não é? Cada um tem que tomar a sua história na mão, e progredindo assim, a gente também já tem resultados - vê que as vezes isso dá resultados - Não é uma utopia pura, é possível fazer muito mais, não é? E fazer o homem crescer mesmo sem grande instrução. Eu volto, por exemplo, desta mesma Amazônia onde nós, paulistas, estamos ajudando uma Igreja muito pobre, a de Itacoatiara, onde há 80 comunidades, onde não vive nem freira nem ninguém da Igreja oficial, onde o caboclo assume toda a vida, desde a saúde até a manifestação religiosa: ele próprio que pouco sabe ler, mal sabe ler, assume tudo; não há ninguém que passe mal sem que os outros façam com que ele de novo se integre. E são 80 grupos já organizados com os serviços comunitários repartidos. Isto é possível, não é? Que nós não estamos mais no terreno da utopia, dizendo "outros homens são irmãos". Tá bom, não é?

Hamilton - Acho que eu discordo um pouco quando o senhor disse respondendo aquela pergunta "o que a Igreja está fazendo para se aproximar?", o senhor disse que tinha dado uma resposta que talvez não interessasse muito, das comunidades de base, mas lendo "O São Paulo" abordando o Congresso, eu vi que era um trabalho de base muito importante o de Itacoatiara, desses núcleos que o senhor falou.

Gabriel - Como funciona uma comunidade de base em São Paulo?

Dom Paulo - Bom, em todo caso a gente não deveria pensar que os ricos e a classe média vão viver em comunidade de base proximamente, não é? Eles não iriam viver mesmo; quer dizer, na periferia a coisa tem sido formidável. Se você tem um palmo de terra, que é uma primeira condição, não é? Um palmo de terra, quer dizer, um centro comunitário... Se esse centro comunitário tem algumas pessoas que podem se interessar por aqueles que chegam, arrumam então papéis para eles, arrumam, quem sabe, 1 dentista que vem uma vez por semana, uma assistente social, e o povo começa a interessar-se naquilo que já é comum, e se reúne então uma vez por semana, 1 grupo talvez primeiro de 8,



depois de 15, de 20, de 30 pessoas que discutem os problemas que há em torno, a distância para arranjar água, e os problemas passam a ser comuns, etc. Se ainda o líder for um bouquinho preparado para que essas coisas não derivem logo para um lado ou outro, então eu acho que daqui a pouco você terá o que nós imaginamos possa ser um centro de participação quase total. Não tem nada de extraordinário, mas é preciso ter um palmo de terra, uma pessoa que saiba dirigir, é preciso ter certo conteúdo, sempre a partir do Evangelho, quer dizer, fraternidade. E é preciso também que se organizem determinados serviços que interessem... Nós não os chamamos de assistenciais, porque é de menos; é melhor chamar de promocionais, mas nem é essa palavra que usamos. Antes, serviços à comunidade, mas nunca **em lugar** da comunidade, em lugar dela. É fazer com que o pessoal também entre, não é? nada de paternalismo, porque se não fura logo: você deixou de ter o pão pra distribuir ninguém mais vem. Não deve começar com distribuir pão, nem distribuir, digamos, cobertores durante o inverno, nem distribuir remédio, não é? nada de distribuir, mas ter uma pessoa e um centro onde todo mundo possa se encontrar e se ajudar. Se você quiser andar um dia por estes centros comunitários, pode ir. De vez em quando eu também vou. Não é muito difícil. Eles próprios levantam o barracão, eles próprios montam tudo. Alguma ajudazinha que às vezes a gente precisa dar para que o trabalho não pare. Entre classe rica é menos isso. Mais grupo. Forma-se um grupo de reflexão, um grupo de casais que têm problemas comuns, e então temos 8, 10 casais, sendo milhares dentro de São Paulo - espalhados em grupos - Não repartem o serviço, repartem o problema, e se ajudam também, mas não é brotado da terra. É mais brotado, digamos, de uma condição quase que semelhante, e de um desejo de comunicar-se, mas isso não é propriamente comunidade-de-base. São grupos. O Movimento Familiar Cristão tem centenas que também as Equipes de Nossa Senhora... há 20 anos espalhados por todo São Paulo. E Casais com Cristo. A classe operária tem o seu movimento familiar, mas é um pouco diferente, embora também tenha algumas destas características. E onde há mais consciência da vida e dos problemas sociais; quase sempre os problemas sociais acabam despertando e às vezes dividindo um pouco.

Hamilton - De certa forma essas comunidades não estão substituindo uma série de coisas que está faltando ao povo? porque por exemplo: é tratar dos

papéis, das pessoas que chegam, é receber, é encaminhar, é inserir essas pessoas na sociedade; talvez não é porque está havendo uma falha global em todo o sistema e a Igreja está assumindo a si essa comunidade?

Dom Paulo - Se tudo funcionasse bem, a Igreja teria ainda sentido, porque ela deveria dar alma a tudo. A Igreja deveria dar alma a tudo, mesmo se tudo isso funcionasse por conta do Estado. E se ainda o Estado pudesse dar alma a tudo, a Igreja ainda teria uma função, seria sua função crítica de apresentar sempre critérios. Quer dizer, nunca a Igreja deixaria de ter a sua função, desde que ficasse fiel ao Evangelho, que é, em si, a crítica mais forte que jamais foi feita ao homem, arrancando dele o máximo possível.

Hamilton - Agora, está sendo sobrecarregada...

Dom Paulo - A Igreja está sempre sobrecarregada, sempre está. Qualquer homem da Igreja é ao mesmo tempo meia dúzia de coisas, e nós costumamos dizer que se alguém não está sobrecarregado é melhor não chamá-lo, não é? Não é um pouco como sua profissão - a de **jornalista** - ? Um pouco mais talvez com a Igreja. Todos os homens da Igreja têm que estar mais ou menos, como a política, em tudo. O Evangelho tem que passar por tudo. Voltamos ao sentido anterior: que o Evangelho é comunicação.

Narciso - O senhor acha que os canais de comunicação do povo influem na vida global da comunidade? eles estão funcionando?

Dom Paulo - Não sei, eu tenho impressão de que os canais de comunicação prestam às vezes um grande serviço de diversão, mas são também em grande parte uma alienação. O povo, porque não tem isso ou aquilo, procura aquela coisa na novela: porque não tem aquilo, vê aquilo no futebol; porque tem outra coisa, vê nas estrelas, nos concursos e não sei quê. Então, o povo procura fora de si o que não encontra na sociedade, não tem em casa, etc. Vive-se um pouquinho na fantasia. Eu creio que os meios de comunicação, com raríssima exceção, não levam o povo para a frente.

Talvez levem o povo a ampliar o vocabulário, não sei até onde. Talvez levem o povo a participar um pouco da História, ao menos nas tragédias, porque é pouca coisa que comunicam fora das tragédias, não é? Talvez levem o povo a angustiar-se muito ou a dizer: "graças a Deus que não aconteceu comigo!" Mas que o povo se eduque pelos meios de comunicação... será muito difícil você tirar a prova de tanto, não é? Talvez a classe média,



“Nós estamos numa época de mística. Não estamos numa época de muita racionalidade, não é? E esta é uma época em si perigosa para a política, perigosa para a religião...”

com relação a certas informações sobre ciência...

Narciso – Estava me referindo mais especialmente àquelas entidades que servem de comunicação, de veículo às idéias de grupos sociais, como sindicatos, entidades estudantis, associações de classe média. Isso está funcionando?

Dom Paulo – Pelo menos em São Paulo, ainda tenho confiança, ou certa confiança, nos Amigos de Bairro. Certa confiança porque, por minha condição mesmo, de bispo de periferia, estive em contato com eles assim praticamente todo sábado, dia em que se reúnem. Em todo lugar eu vi certo interesse deles pelo que estava acontecendo, certo interesse. Claro que é relativo, depende das pessoas que ocupam a liderança, depende um pouco do bairro mesmo; ainda tenho certa confiança, apesar de tudo, na Associação de Amigos de Bairro. Como comunicação, está meio difícil de crer que fora da Igreja ainda haja outros grupos que se comuniquem.

Narciso – Seria bom que existissem.

Dom Paulo – Ah, sim. Até estou proclamando que a nossa época, por causa da alienação dos grandes meios, devia criar toda forma possível de comunicação pequena, de grupos. Toda forma possível dentro da cidade. Nós, incentivando nossas comunidades, por menores que sejam, a terem seus boletins, seus grupos de comunicação, eles estão nascendo, estão pululando, saindo da terra. Eu acho que todo mundo devia fazer essa propaganda. Que todo o mundo tivesse pequenos meios de comunicar-se. O ar é um pouco denso demais para se comunicar, e esses canais passam por esse ar, é isso.

Hamilton – Eles são mais leves...

Dom Paulo – São mais leves, eles passam. Enquanto que os jornais não passam. Não digo isso para desprestigiar o seu, nem para desanimar vocês, mas...

Mylton – Padre, o “São Paulo” tem uma tese sintetizada: o ateísmo leva a violência e a violência gera ateísmo. Gostaria que o senhor colocasse que violência é essa, que ateísmo...

Dom Paulo – A tese podia ser essencialista ou existencialista, não é? Se fosse pela essência, nós diríamos: Deus definiu a si mesmo como Amor. Então, na hora em que você nega o amor, você vai para a violência. Religião, se não é o amor que se comunica, nem vem de Deus. É superstição, é magia, é qualquer outra coisa. Seria assim, nesse sentido. Mas nós poderíamos também dizer que na hora em que a gente não acredita mais, digamos, numa justiça profunda de Deus, na História, a gente se torna ateu, se torna terrorista, a gente se torna opressor, se torna... Parece-me assim também, em sentido existencialista. Que dizer, o homem que é realmente ateu pode descambar. Mas eu não encontrei nenhum, não é? Encontrei muita gente que diz que não acredita em Deus, mas não encontrei um ateu.

Mylton – Mas então o que é ateu? Eu me considero ateu!

Dom Paulo – Você nem estaria falando comigo se fosse ateu.

Hamilton – Estamos diante de um equívoco...

Dom Paulo – É porque a própria idéia de fraternidade, é sinal de que você não começou agora, que as coisas vêm de longe, vêm de uma fonte comum, não é? De forma existencial, a gente poderia dizer que mesmo os estados puramente ateus são muitos mais duros do que a gente. Quando se confessam ateus são muito mais duros. O que preserva o Brasil de uma ditadura dura demais é certo medo de que uma justiça se faça, não é? Porque se toda justiça se fizesse só por conta desta geração, não teríamos outra responsabilidade... Enquanto que Deus nos responsabiliza por toda a vida, que vem dele, por todo amor que se propaga, portanto por toda a convivência ou vivência total por amor no mundo. Eu

acho que seria possível fazer uma tese sobre isso, mas seria mais interessante você andar colhendo isso hoje. Se você encontra um ateu, quer dizer, alguém que assume como luta derrubar o conceito de Deus, aí você vai ver que ele derruba o Homenagem também.

Hamilton – Por esta sua resposta eu entendo que o senhor não acredita nessa coisa que se diz que a juventude está hoje cada vez mais distante, mais próxima de um ateísmo.

Dom Paulo – O que a gente teme é a descrença da juventude. Ateísmo será muito difícil, porque enquanto a gente tem amor, é difícil descrever no amor. e acreditando no amor, acredita-se em Deus também. Não se sabe que é Deus, talvez. Mas Deus é amor, fonte de amor. O difícil é que a juventude não possa participar. E para participar há uma análise muito interessante de Paulo 6º sobre participação, quando ele fala dos 80 anos da primeira encíclica social do papa Leão XIII. Para participar você tem que ter pelo menos 4 condições: 1º, saber as coisas, é a primeiríssima; a juventude não está sabendo; a segunda é ter uma atitude psicológica: ora, uma atitude psicológica não pode ser a de restrição; 3º lugar, você precisa ter uma prospectiva, sabe? para onde é que vamos caminhar, afinal, não é? e como é que eu vou arranjar uma prospectiva para essa juventude se não discutirmos com ela, se não propomos a ela?... E depois ele põe uma 4ª condição, que é o uso da liberdade, saber usar a liberdade. Se não, não há participação. Então, você ajunta estes 4 pontos para a participação e não encontra talvez nenhum bem realizado na juventude. Não digo só na nossa, eu estou pensando um pouco na juventude em geral. E isso dói pra gente, não é? Vê que nós estamos trabalhando hoje, e amanhã esse pessoal não crê no que fizemos, porque nós não respeitamos a juventude. não tendo essas 4 condições, quem é que vai participar? E, não participando, que é que interessa? Constrói-se a casa mais bonita: não agrada, se eu não ajudei a pensar, a sonhar com ela, etc. Qualquer coisa perde o agrado se eu não a quis, não é? Nada agrada do que foi dado, imposto, não é? Então, o conhecimento, a atitude psicológica, o uso da liberdade, prospectiva, você não vê isto praticado no Brasil e também pouco em outros lugares. Enquanto nós não cuidarmos disso tudo, estamos trabalhando à toa. Estamos quem sabe mostrando uma coisa que não interessa aos outros e gastando uma energia enorme, sem que os outros nos ajudem a discutir.

Gabriel – Dom Paulo, como é que o senhor chegou a ser padre, como é que foi sua formação?

Dom Paulo – Pois é, eu devia perguntar pra você como é que você chegou a ser jornalista. É uma das perguntas quase que irrespondíveis, não é? Assim, como é que se chegou a ser padre? O fato é que sou de uma 4ª geração de imigrantes, da parte do pai, da parte da mãe 3ª geração, de origem alemã. Nunca ninguém tinha sido padre, nem ninguém tinha sido irmã, freira, em nenhuma geração, nem lá na Mosela, na Alemanha, nem que se saiba aqui. Também não assistia missa na minha vida, senão uma vez por ano ou duas vezes. Quando vinha um padre para aquela terra. O fato é que lá havia o que hoje estou procurando fazer, uma comunidade de base. Eram os professores que orientavam praticamente tudo. Tinham sido formados pelos franciscanos. Eu vim a ser franciscano depois. Tinham feito o que hoje chamariamos de escola normal em Blumenau, e desceram depois, voltaram para aquela terrinha, no meio do mato, não é?

Gabriel – Que terra era, Dom Paulo? **Dom Paulo** – Criciúma. Mas é um lugarzinho, não é mesmo uma cidade, Forquilha... Mas eram 2 professores extraordinários, extraordinários! E eles

formaram aquela comunidade. Tudo era em comum; faziam estrada em comum, a estrada federal, estadual. Trabalhavam 3 dias na estrada. Cada colono. Suas casas, e escolas. Tudo era feito em comum. Por sinal boa escola. E também a igreja. Eles nos reuniam cada domingo e a gente ia com entusiasmo doido. Era a única diversão que se tinha. Mas também era um sentimento religioso profundo. E lá vem aquilo: “nós não temos padre, precisamos de padre”. E a coisa foi subindo e deu-se uma mística. Aí comigo, daquele lugarzinho, onde tinha umas 80 famílias, devem ter saído uns 30 padres, uma 80 irmãs. Mas naquele lugar formou-se o 1º ginásio, antes da cidade de Criciúma, cidade grande do carvão. Grande para aquele lugar, não? Formou-se o ginásio e o pessoal da cidade ia lá pro ginásio, na nossa terra. É que a “comunidade de base” se fortaleceu mesmo, tomou corpo, e aí os padres vinham e voltavam, ficavam lá 3 dias por ano, ou uma semana, e a gente viu que valia a pena, não é? Ser padre era um pouco a síntese de todas as carreiras humanas, humanitárias, que tanta falta fazem hoje... como a do juiz, do advogado, da assistente social, do psicólogo, daquelas que não produzem propriamente, que não são da sociedade de produção e competição mas que fazem a ligação entre as pessoas. Eles têm que cuidar da justiça, têm que lutar pela verdade, têm que empenhar-se pela convivência humana mais satisfatória. E me pareceu, como me parece ainda hoje depois de 30 anos de experiência – eu vou fazer 30 anos de padre este ano – depois de 30 anos de experiência me parece ainda hoje que é importante ser padre. Eu senti isso. É uma profissão daquelas que muitos julgam inútil, mas é daquelas que conserva o tipo humano, dentro de toda essa competição e consumo. Mas, como que cheguei a ser? Depois de uma vez descoberto que eu queria ser, nunca mais parei. Eu não tiro facilmente idéias da cabeça, não. Quando eu entendo que uma coisa deve ser... Mas também pode ser o exemplo que o meu mano mais velho é padre, minha irmã mais velha que eu é irmã, primeira da família. Tenho mais 3 irmãs freiras. Meus pais tinham 13 filhos, 5 ficaram religiosos. E ainda adotaram 2 – 15 então – e desses também uma ficou religiosa. Depois minha mãezinha velhinha ajudou a criar mais 5 órfãos. Não sei se daqueles também algum vai ser. Mas era um pouco assim em família. A coisa cresceu, mas não por tradição. Por tradição, eram católicos praticantes e sérios, austeros, mas não tínhamos memória de um parente direto – a não ser um primo do meu pai que tinha sido padre.

Hamilton – Dom Paulo, nesses seus 30 anos de sacerdócio, o senhor tem uma experiência riquíssima. O senhor se referiu a 10 anos de trabalho em favelas do Rio, ao mesmo tempo em estudos de antiguidade. Gostaria que o senhor falasse um pouco assim...

Dom Paulo – O que eu considero assim mais rico, em sentido de ser fonte de inspiração talvez sejam 3 pontos: 1º é o próprio estudo na Europa depois de padre. Eu já era padre 2 anos e não fui estudar teologia; fui estudar letras e pedagogia. Não fui estudar numa universidade católica, embora houvesse universidade católica. Fui estudar na Sorbonne, onde nenhum padre podia ensinar, nem se podia entrar em traje de padre, não é? Mas eu entrei, eu fui um dos primeiros que entrei em trajes de padre. Por ser estrangeiro também era mais fácil. Fiquei lá 5 anos. Isso para mim foi muito rico. Éramos não sei quantas nações, uma amizade, muito grande. E depois também de poder frequentar tudo o que havia de bom. Desde o teatro, que ficava ao lado da universidade. Entre 2 aulas poder ir lá e voltar, depois... frequentava grupos mais diversos. Eu tinha 25 anos, isto é, 26 até 30. Este período de vida foi rico. Já tinha alguma expe-

riência de padre no Paraná e um pouco em Petrópolis. Parece-me que foi um ponto muito bom. O outro, que eu acho que foi a escola da vida mesmo, não foi propriamente no Rio, embora eu estivesse um tempo no Rio. Foi nos morros de Petrópolis. Me deram um lugar que tem um nome muito pomposo para cuidar dele. O chamado Itamaraty. 7 morros. Naquele tempo havia 7 morros de favelas, ou de quase favela, nem todos eram de favelas, mas quase favela, 5 quilômetros do centro da cidade. Eu vivi lá 10 anos e meio, passando 3 dias por semana lá com eles; quinta-feira, sábado e domingo. E lá posso dizer que eu perdi o coração, com aquela gente. Eu nunca na vida serei capaz de falar mal da favela, não serei capaz de falar mal, nem mal dos imigrantes que chegam, que saem, porque a gente conviveu com eles, viu o que existe de tipo humano lá dentro. E também por que acontece que alguns se escondam lá dentro, os que têm um crime. Outro dia achei tão gozando: foi o dia em que o Presidente da República veio aqui a São Paulo. Avisei o Sr. Governador que eu tinha um compromisso. Não fui recebê-lo. Não porque não quisesse prestar essa homenagem que eu acho que tem que ser prestada. Mas eu tinha um compromisso com a favela Ordem e Progresso. Tinha marcado 1 mês antes e não ia deixar as favelas, não é? um compromisso de honra. Eu passei umas horas lá dentro. Mas o que eu queria contar é o seguinte; uma expressão que poucos entendem, mas que a gente tem que entender. Na hora de o povo formular a oração, perguntei: “o que vocês querem pedir a Deus?” O padre que estava ao meu lado explicou: “vão dizendo alto; porque senão Dom Paulo não sabe o que falar”. Então, cada um falando: “que... com minha tia que foi embora”, “não é o que”, “ninguém mais encontrou minha mãe que desapareceu, dizem que foi pra Minas e ninguém sabe se foi”... Foram aparecendo dramas. Ai um homem disse assim: “Eu quero pedir a Deus para ele acabar com todos os bandidos que têm aqui, pra gente poder viver sossegado”. Então o padre achou que devia corrigir: “você quer que os bandidos melhorem de vida, não atrapalhem vocês, não é?” “Também serve”, disse ele. Esse tipo, é um tipo de gente que está lá, quer dizer, é um tipo que pode se inflamar e pegar na faca, não é? Responder... Mas ao mesmo tempo diz: “também serve”. Se tiver um outro caminho aí. Esse é que é o negócio.

Hamilton – Se houver uma opção.

Dom Paulo – Uma opção, aí é que está o negócio. Ter opção para esta gente. Porque eles só vêm limitações, impossibilidade. Esta eu acho que foi a maior da minha vida. E o gosto que eu tive de trabalhar como padre aí se confirmou, embora eu nunca me considerasse, digamos, um favelado, ou seja um deles. E nem podia ser, porque os outros dias eu os passava na universidade, ensinando de um lado teologia, e do outro lado pedagogia. Na universidade católica e na faculdade de teologia. Eu não podia dizer que era um deles. Impossível. O nível era outro, tinha outros estudos, também achava que tinha outra vocação. Eu escrevia. Desde criança comecei a escrever. Bom, era este o 3º ponto talvez que pudesse interessar. Me inspirou também. Vejam o acaso. Um professor gaúcho inventou um dia que nós devíamos ter um jornalzinho. E no 1º ano ginásial, no seminário, fundamos um jornalzinho. União que se chamava. E eu fiquei redator. Bom, depois de mais ou menos 1 ano, nós achamos que devíamos ter um jornal para toda a divisão e eu fiquei redator de novo. Nós fomos trabalhando 5 anos. Nós nos obrigávamos a escrever pelo menos 1 artigo por semana. Buscar poesia, buscar humor, buscar anedotas, buscar coisas interessantes, fazer números especiais, etc. etc. Nunca mais deixei

“Quando ganho esses jornaizinhos... Eu sou jornalista. Sou da Associação Brasileira de Imprensa. Eu sou cooperador dela há uns 20 anos já. Eu já escrevi...”

de escrever. No mínimo 1 artigo por semana. Enquanto na Sorbonne, aos domingos eu saía. A tardinha voltava e botava um artigo no papel, qualquer coisa que fosse. Mandava pro Brasil. E se tornou um compromisso. Ainda faço agora. Toda semana faço 1 artigo em **O São Paulo**. E não tiro de um livro, não. Pegando aqui, pegando por lá, pegando da vida, pegando do estudo, pegando do que a gente sabe, pegando do que os outros sabem e disseram, que a gente acha que vale a pena propagar. Assim, sem pensar na originalidade. Isso foi pra mim um incentivo muito grande. Eu tenho gosto pela imprensa. Vocês me dão o seu jornal e eu tenho gosto de ler. Tenho gosto de ler. Tenho gosto. Quando ganho esses jornaizinhos, e ganho centenas, não deixo a secretária tirar da mesa. Mimeografados, mal impressos... Em anedota eu até faço um risco ao lado, “isto aqui é pra tirar, pôr numa ficha e guardar na série de anedotas”. Eu sou jornalista (tira uma carteirinha do bolso interno do paletó). Sou da ABI (Associação Brasileira de Imprensa). Eu sou cooperador dela há uns 20 anos. Mas já escrevia em 1943. Também dirigi 2 revistas, em Petrópolis, ou seja um Centro de Informações e uma revista. Também fui diretor de ginásio. Mas isso tudo não tem muita importância. Há algumas coisas que são em si motivo para a gente viver mais intensamente. Eu imaginaria essas. Não sei. Talvez outros dissessem que fui influenciado por outros, não sei. Muito difícil a gente se analisar.

Hamilton – Mas de qualquer forma, a comunicação foi ponto importante, não?

Dom Paulo – Um pouco, comunicação por dever. Se você é padre, você é comunicador. Ao menos um pouco. Também escrevi uma tese, a coisa mais árida do mundo, sobre a técnica do livro. Eu estava estudando a Antiguidade, letras antigas, por ordem; a Pedagogia, por interesse. Então fazia 2 cursos, 1 até era meio clandestino para os meus superiores, que era Pedagogia. O outro era oficial, mandado, tinha que tirar doutorado, sabia que ia gemer mas ia tirar. Então eu fiz a minha tese sobre a técnica do livro: como é que se fazia um livro no século 4º ou 5º. Fui atrás de tudo.

Gabriel – Antes de Cristo ou depois?

Dom Paulo – Depois. Como era o papel, como era a tinta, como era o correio, como é que se guardavam os livros, como é que se falsificavam os livros. Toda essa história. Fui atrás de tudo. Como é que fui fazer isso. Me deu na cabeça. Mas o jeito acho que era porque a comunicação está na gente, não é? Aí, quando o professor pegou na tese, o professor da Sorbonne, me disse: “**Eu não vou ser patrono desta tese, porque é uma tese impossível para a universidade. Ainda se fosse de literatura ou jornalismo. Assim não dá. Eu aceitaria se você escrevesse sobre manuscrito**”. Então eu peguei o título da tese e botei manuscrito. Enquanto ele foi lendo, depois, aos pedacinhos mudei o título: “**La technique du livre**”. Toquei pra ele e ele então disse “**tá ótimo, fora 2 capítulos que eu acho que não vão passar, o resto você pode elaborar**”. Passei com a maior nota da Sorbonne. E científico, mas ao mesmo tempo, é gostoso saber como é que eram aquelas tabuinhas de escrever, de cera, como é que eram os taquígrafos.

Hamilton – O momento da transformação da informação boca-a-boca...

Dom Paulo – E. Também uma outra transformação, tempo de transformação do papiro, do pergaminho, comprido, não é? Um livro precisava de 30 metros de couro deste tamanho, não é? O livro propriamente, que os latinos já chamavam de volume, enquanto que o outro era o codex. Bom, isso foi só pra dizer que as coisas estão sempre entrosadas com a comunicação.

Hamilton – Eu assisti ao senhor participar de uma reunião de pauta de

“O São Paulo” no fim do ano passado. O senhor continua participando? Toda semana?

Dom Paulo – Toda. Toda semana. Por interesse, não é? Se eu pudesse participar no seu jornal, da organização de pauta, participaria. Não para dirigir. Não gosto de dirigir essas reuniões. Não tenho a mesma visão, nem posso ter, não é? A visão do leitor. A gente fica condicionado, porque tem que levar o pessoal numa certa disciplina. Se a gente não a tiver anteriormente não pode levar aos outros, então...eu sei que estou condicionado, por isso gostaria que outros dirigissem. Seria mais interessante que a gente contribuísse. Mas foi pedido que o jornal tivesse um caráter pastoral. Não sei se vocês concordam com a palavra, mas pastoral é uma palavra ligada a pastor, quer dizer, o jornal tem que ter um pouquinho a cara da gente, não é? da gente ou dos demais que colaboram com a gente. E a gente tentou, não é? está tentando, embora sem muita disciplina. E eu também acho que não deve ter disciplina demais. Deixa escrever. Escrevem uma coisa que eu não aprecio e a gente fica incomodado. Toda vez que eu abro **O São Paulo** encontro coisas que não aprecio. Mas eu também não vou dizer que não as aprecio. Há sempre contradições...A vida é assim, as atitudes são assim, contanto que haja o espírito crítico, não é? Não quer dizer que sejam...- continuar alerta para não se deixar envolver.

Mylton – Dom Paulo, as coisas que são escritas...como é que funciona a censura no “O São Paulo”? Tem que mandar os artigos para eles?

Dom Paulo – Não. Parece-me que agora tem um estudante de medicina, eu até precisaria tirar informação. E um terceiranista, que vai lá e simplesmente corta, simplesmente corta. Então, como os redatores não saem de lá sem que o censor tenha saído também, às vezes discutem com ele: “**Não pode, olha; isto daqui já foi publicado no Estadão, foi publicado em tal e tal**”, “**é, mas eu não admito assim mesmo**”. As vezes admite. E o cúmulo, não é? Tenho dito isso, às pessoas mais responsáveis: “**olha, um menino de 3º ano de medicina vai julgar o que o Arcebispo deve dizer pra a sua gente, não é? Tenha paciência**”. Vai dizer o que tal grande escritor pode ou não falar? Está fora da sua especialidade. Vá aprender medicina, aprender anatomia, vá ser um bom médico. Mas censor? Nem o Papa me censura, nunca me censurou, nem uma vez. Porque nós acreditamos – o governo não precisa acreditar – mas nós acreditamos que o bispo por um lado, tem que ter obediência ao Papa, mas por outro lado é sucessor dos apóstolos, não é? tem que prestar conta ao Cristo. Claro, no conjunto da Igreja ele presta contas ao Papa, mas no mais...Agora, vem um menino lá dizer o que o Papa nunca me disse, nem o Cristo nunca me disse, nem direta nem indiretamente? Vem dizer lá “**corta isso**”, como me cortou no último número de “O São Paulo”. Vocês podem ver lá embaixo o que cortaram e talvez dê para reproduzir.

Hamilton – Essa situação de “O São Paulo” já está há quanto tempo, Dom Paulo? Eu não tenho medida.

Dom Paulo – Eu também não, nem poderia dizer. Eu acho que é mais ou menos desde que existe censura, assim generalizada.

Hamilton – E mesmo nesses contatos, que por acaso o senhor citou um agora, respondendo à pergunta, de mostrar talvez o absurdo que seja esse tipo de censura, há alguma receptividade, alguma esperança que a censura se retire de “O São Paulo”?

Dom Paulo – Acho que tão cedo não, porque as pessoas que me atenderam sempre foram do meu parecer também, ao menos disseram que eram de meu parecer. Acho que por circunstâncias diversas ainda não iria desaparecer. Falei

que era um absurdo e tal, como eu acho que é um absurdo absoluto, não é? um estudante de medicina mostrar o que se deve dizer de religião, para o povo de uma metrópole como São Paulo – me desculpem os médicos, tenho um imenso respeito por eles, mas quando estão operando, quando estão examinando em medicina, mas não quando estão controlando idéias...que isto seja um absurdo nem precisa ter inteligência para entender. É o bom senso. Qualquer pessoa por aí se ouvisse e soubesse não acreditava, se ouvisse não acreditava.

Gabriel – Mas o senhor tem alguma interpretação do fato do “O São Paulo” ser uma das publicações no Brasil, uma das 4 ou 5 que restam que têm censura prévia?

Dom Paulo – Eu suponho que devem censurar também algum jornal religioso, para não parecer que só censuram ou outros. Por outro motivo não vejo, porque o jornal “O São Paulo”, subversivo não pode ser. E um jornal que luta pela paz, que tenta uma crítica no sentido evangélico. Desta nós nem podemos desistir. Quer dizer, o que Cristo critica na sociedade nós não podemos deixar de dizer. Se não vamos deixar de ser padre, vamos deixar de ser cristãos também. Mas não vejo outro motivo, francamente eu não vejo. Ou a informação que têm sobre nós, sobre religião cristã é muito errônea.

Hamilton – Isso não será um ônus pela luta que o senhor tem mantido através da Cúria Metropolitana, em prol dos direitos humanos, e até mesmo às vezes em defesa de presos e de atitudes que afrontam o direito humano?

Dom Paulo – Bom, eu não ousou muito dizer isso, porque seria em desabono do governo, não é? Se fosse isso, seria muito grave para eles. Mas se eles quissem nos castigar por salvarmos o nome do Brasil, salvarmos o nome das pessoas, por cuidarmos da dignidade pela qual eles devem cuidar em 1º lugar, isto seria demais, não? Afirmar isto, não ousaria. Depois, tão pouco se escreve sobre isto. Talvez seja porque não nos impusemos a autocensura, não é? Se há presos ou torturados nós vamos dizendo, não é? E o jeito de defender as pessoas, não sei. Acho que é o jeito. A coisa é muito séria, não é? Se isso não for propagado, logo mais a gente não sabe o que acontece. Parece que a incomunicabilidade torna o homem irresponsável, não é? Torna o interrogador, que está lá, irresponsável. Admite qualquer meio para tirar o quanto antes a notícia. Isso precisa ser propagado. Eu acho que todo brasileiro tem obrigação de fazer isso, obrigação.

Hamilton – Por em contato com o estado de direito.

Dom Paulo – Pôr em contato não só com o estado de direito, mas com a opinião pública. Ninguém tem o direito de trancar um homem e arrancar dele, sob forma qualquer, uma informação. Uma pessoa responsável teve em mãos documentos de 2 pessoas diferentes, presas, que tinham assinado sob tortura que haviam matado a mesma pessoa, em datas diferentes. Duas declarações assinadas de terem assassinado a mesma pessoa em datas diferentes. Por isto, esses interrogatórios, além de ser contra os direitos humanos, são inócuos, não é? São contraproducentes. Levam, a caminhos errados. Levam a pistas erradas. Mas só por dizer certas coisas recebi ameaças de morte, por escrito, estou recebendo, há pouco ainda recebi, assinadas até.

Hamilton – Identificadas?

Dom Paulo – Não sei até que ponto são identificáveis, não é?

Hamilton – Pelo menos a origem?

Dom Paulo – Pode ser que isto aconteça. Agora, eu acho que é mais interessante eu me expor, o pouco que eu me exponho, do que deixar que todo esse pessoal trabalhe livremente. Não se sintam assim ao menos confrontado com alguém.

Hamilton – Como a gente entenderia que uma corporação de seres humanos dirigentes chegue a uma conclusão desse tipo?

Dom Paulo – Eu acho que isso foi da história humana: sempre é mais fácil governar pelo medo... E o pai que ameaça castigo, que bate, é a professora que bate, que perde os nervos. E mais fácil dirigir as pessoas fracas através de, não sei, ameaças, um clima de... que se chamava antigamente disciplina, não? Disciplina é termo que significa bater, como ter ordem. Então, se configurou um pouco assim. E triste que a gente depois de tantos séculos de cristianismo não acredite no amor. Uma pessoa assim é triste, não? Mas cristãos ou não-cristãos, em nome talvez até do Cristo, ainda apelam para castigos. Eu acho que é só, só e só por ser mais fácil, mais rápido, não mais eficiente, nem mais duradouro. Isto me disseram delegados, até chefe de polícia: “**Como é que o senhor está fazendo isso?**” “**E porque eu precisava de informação, por que o grupo devia estar ainda por aí, então nós metemos a tortura para obter rapidamente a informação**”. E mais rápido para eles e talvez alguns até pensem que estão agindo certo isso que é o pior. Agora, os indivíduos que estão torturando, viram animais. Depois de torturar 5 pessoas, têm prazer na tortura, não é? Isto não se sabe só da História, mas isto se sabe também de indivíduos que estão aí. Como também o terrorista, depois de matar 5, ele mata qualquer número, ele não tem mais sensibilidade. Aí se vê a deteriorização da consciência humana. Ela se faz rapidamente.

Mylton – Tanto um como outro perde seus próprios objetivos, não? Não têm mais objetivos.

Dom Paulo – E, não têm mais. Quem matou 5, mata à vontade. O ruim é passar do 1º. A 1ª vez que o terrorista mata ou o policial tortura, talvez fique nervoso. Mas o que eu já vi de drama também desses policiais, não é pouco. Um dia que eu peguei 5 delegados, um atrás do outro, 1 por 1, lá dentro, e conversando à consciência. Um dizia: “**meu filho foi assassinado**”, depois que eu comecei; “**eu tive este drama**”; “**eu tive esse, esse**”. Todos traumas nascidos de uma outra fonte, da neurastenia, ou qualquer coisa assim terrível. Devia ser escrito um dia por quem entende de psicologia e quem tenha todos os fatos.

Gabriel – O senhor falou que muitas pessoas do governo, para as quais o senhor apelou com relação à censura, concordavam com o senhor que era um absurdo.

Dom Paulo – Naturalmente todas.

Gabriel – Mas como continua se elas concordam com que é um absurdo censurar?

Dom Paulo – Se não houvesse o passado, tudo seria mais fácil, tudo seria mais fácil. Imaginem se isto que eu lhes contei fosse contado com todas as provas, pormenores, chamando pessoas para testemunhar, etc. Nunca teria vontade de, digamos, fazer isso por vingança ou por qualquer coisa assim, mas eu teria vontade de dizer isso para que não acontecesse mais, não é? Ao menos não para nós. Muita coisa aconteceu, por exemplo com o Getúlio, eu lembrei ontem. Aconteceu e não foi contado. Porque depois de 20 anos, 30 anos, certos fatos não oferecem mais credibilidade.

Hamilton – O senhor nesse raciocínio compara que foi como é hoje?

Dom Paulo – De 30 a 45, foi meu período de criança até a formação. Me ordenei padre em 45, e peguei muita coisa crescendo, quando acordei para o mundo. Me lembro de uma série de coisas que nos chegavam assim, como o fato de pessoas que desapareciam, gente que era jogado no mar, ou gente que era liquidada. Coisas assim que a gente atribuiu depois ao Filinto Muller. Essas coisas nos chegavam assim concretamente. Eu tinha os mesmos sentimentos naquele tempo que eu tenho hoje.



Como é possível que o pessoal deixe acontecer de novo?

Hamilton - Uma repetição num espaço de tempo curtíssimo, não é?

Dom Paulo - Curtíssimo, curtíssimo.

Hamilton - Ontem (a entrevista foi feita em 2 dias) o senhor elaborou um raciocínio, quando não estava gravando, quanto à visão da História que os homens têm hoje. A História ser mais curta hoje em dia.

Dom Paulo - Porque eu acho que há duas concepções humanas. Uma é de eu lhe dizer: você passa, mas você fica na memória de seu filho, seu neto, seus amigos. Depois passou tudo. Assim não vale a pena passar pela vida, porque o que ela oferece de gozo é tão pouco em comparação com o que ela oferece em tarefas, em dificuldades, em lutas, etc. Mas é uma maneira de considerar. Outra é de considerar ser você responsável por todo o futuro, não é? E. Você ser responsável por tudo o que acontece. Esta é a nossa maneira. Quer dizer, a eternidade começa hoje. Você é responsável por tudo o que acontece para o futuro. E assim eu acredito numa eternidade que vai chegando. A justiça se faz, se faz no transcurso da História. Um dia tem alguém, vem alguém que faz justiça, e isto vai pegar você no caminho se você errou, essencialmente, não? Não essas coisinhas da vida que acontecem, mas se errou numa atitude, não no ato, não é? Numa atitude, você é fera para o outro, um dia você vai ser tratado como fera, não tenha dúvida. Ou na História, ou na memória, ou não sei. Mas, não há dúvida, um dia vai ser tratado como fera. A maioria dos homens se contenta com essa memória curta: cuidar bem dos netinhos, dos filhos, para depois ter uma velhice mais ou menos, e desaparecer, sabe? E viver de sobremesa. Mas quem quer mesmo viver da História, deve acreditar na justiça da História. Quer dizer, a questão não acaba assim, em 15 anos. Isto para nós vai até a eternidade. Isso dura sempre. Não acaba. A justiça não acaba. Ela começa e tem a sua tensão. Não sei se vocês leram aquela judia formidável, que nunca mudou de religião porque o povo dela era perseguido, Simone Weil, francesa. Viveu no meu tempo lá, o final da vida dela. Ela dizia assim: "A gente tem que viver numa tensão". Alguns sentem uma tensão cutâ-

neasentem as beliscadas, não é? O almoço foi bom... A conta foi cara... Outros vivem de tensões mais profundas. Só uns poucos são dignos de uma tensão ideal. Acreditam no valor absoluto de uma existência. A tensão cutânea é o comum. Uma tensão que ela chama de diuturna, que dura e já é mais rara. E a 3ª de viver, porque é preciso assumir o risco da justiça e da verdade, esta é de uns poucos mas estes poucos é que modificam o mundo. Modificam, não? conforme a resistência que encontram, a capacidade que têm de comunicar-se, ou quando chega uma hora certa da História... É muito difícil imaginar como estes homens poderão justificar-se. Esse para mim é um drama, não é?

Gabriel - A acusação de subversivo é distribuída com muita generosidade hoje em dia para qualquer tipo de pessoa, que fala qualquer coisa, e o senhor é visado, eu já escutei várias vezes...

Dom Paulo - É, isso é certo. Mas eu acho que subversivo é aquele que inverte a ordem, ainda mais se for na clandestinidade. E, interrogar, contra os direitos humanos, na clandestinidade é subversão, não é? Isto é subversão pela própria definição. Interrogou na clandestinidade é subversão. Agora, de denunciar tais coisas para as pessoas, se isto é subversão, não sei, não? Dizer às pessoas competentes, às autoridades, não sei se isso é subversão. Então devem ser muito fracos, para se deixarem virar, subverter. Agora, interrogar na clandestinidade, isto por definição é **subvertere**, do latim, **virar por baixo**. Mas isto acho que você nem vai conseguir dizer, mas era bom que alguém o dissesse de vez em quando, porque na nossa legislação nunca se definiu o que é subversão. Quem age contra a segurança nacional está definido, mas o que é subversão ainda não está claro...

Hamilton - Agir contra a segurança nacional talvez seja um crime contra a segurança nacional mesmo...

Dom Paulo - Nós pedimos uma vez que fosse definido - os bispos todos em reunião pediram ao então Ministro da Justiça, que era aliás, como se chamava ele? Buzaid. Pedimos que ele dissesse o que é subversão política. Nunca foi definido. É certo quem colabora para que se esclareçam as coisas, não deve ser considerado subversivo. E isso a Igreja tem

que fazer. Para que se esclareçam as coisas. E eu acho que isto o jornalista também tem que fazer. Que se esclareçam as coisas. E também me parece que se houvesse mais jornalistas em campo para descobrir os fatos, estes não aconteceriam como estão acontecendo. Se tivesse mais gente para descobrir, não é? O jornalista deixou de ser um detetive profissional como era muitas vezes. Perdeu talvez o elan para correr atrás dos fatos. Um ou outro ainda o faz. Mas deveria pelo menos ir atrás desses desaparecidos, não é? Agora mesmo eu recebi, aqui na Cúria mesmo, um homem, quinta-feira, 7 de agosto de manhã, que vinha atrás dos 159 jovens desaparecidos no Chile. Desaparecidos de 1 ano para cá. Ninguém mais sabe onde estão. Então, um jornal no Brasil publicou que eles teriam sido mortos numa luta no norte da Argentina. Bom a Comissão de Justiça foi lá e verificou que isto não tinha acontecido na Argentina. Veio alguém aqui verificar porque o jornal daqui publicou essa versão, sem se informar honestamente.

Hamilton - Conseguiu esclarecer?

Dom Paulo - Ele está a caminho. Foi ontem a Curitiba para esclarecer, porque a notícia saiu de Curitiba. Porque provavelmente o governo chileno quer dar um alibi, não é? Eles foram mortos lá vejam o jornal tal e tal, notícia tal e tal. O chileno que me procurou acha até que o jornal nem existe, porque há a informação de que o jornal não existe. Mas a notícia já foi reproduzida, sabe? Um cópia do outro! Ele veio para cá esclarecer. Assim, coisas destas deviam ter jornalistas atrás. Onde é que ficaram esses 159 jovens do Chile? Onde ficaram? No Chile mesmo?

Hamilton - O senhor está retratando uma coisa que nos preocupa muito de perto, que é o papel do jornalista num momento como este em que nós vivemos, sabe?

Dom Paulo - A responsabilidade da informação que precisa ser veiculada de uma forma ou outra, ao menos deve ser comunicada, para que um fique atento ao que o outro já descobriu e leve adiante a coisa: é importante.

Hamilton - Hoje em dia me parece que a profissão de jornalista é encarada só e estritamente, e talvez até deformadamente, no sentido profissional; mas eu acho que há uma função social na profissão de jornalista.

Dom Paulo - Mas eu acho que no sentido profissional, para relatar a verdade - o jornalista deveria conhecer a verdade. Ora, acho que não há verdade mais chocante do que serem eliminados 150 e tantos jovens, como aconteceu no Chile. Mas, vamos ficar por aqui.

Milton - Os encontros com o general Golbery foram poucos?

Dom Paulo - Foram poucos, foram mais por telefone, informação, mensageiro, etc. Ele sempre foi muito receptivo, sempre atendeu bem.

Milton - Mas essas conversas têm sido... têm deixado o senhor mais esperançoso que melhora essa situação?

Dom Paulo - Você sabe, no general Golbery é difícil não acreditar. Tem muita habilidade, uma inteligência privilegiada, informação única. É difícil não acreditar nele. Mas ninguém sabe o que que esses homens podem. Em que consiste o poder? Em que consiste o poder, a própria responsabilidade? quem é que tem poder mesmo? Quem é que tem? Uma sala sofisticadamente aparelhada. Pode e deve ser verificado. Podia alguém dizer: bom, mas é uma coisinha dentro da economia, e dentro da evolução do Brasil! Mas, há certos sinais que indicam a verdade.

Hamilton - Dom Paulo, por tudo o que o senhor está nos dizendo, há um clima de impotência da gente diante de tudo o que está acontecendo, não é? E que parece que está se acentuando um pouco, mas o senhor me parece um pouco desiludido com as coisas no momento e o clima geral.

Dom Paulo - É porque a tortura cresceu de novo. Ela estava estava restringida a São Paulo, agora está acontecendo de novo até em outras partes. Já tinha diminuído no governo Geisel, tinha diminuído, tinha diminuído bem, até houve meses em que se dizia: "Graças a Deus, não vem mais nenhuma notícia dessas", e a gente respirava aliviado. Isso tem aumentado sistematicamente de novo. E por um motivo muito diluído. A célebre gráfica da Casa Verde (bairro de São Paulo) não é Aparelho que se chamava de sofisticado, que é um multiplicador elétrico, não é? Por causa disto? Isso é o que dizem, não é? Nos interrogatórios, a gente sempre ouve. Agora ainda estão batendo nisso. Ver gente presa em tudo quanto é canto, por causa de uma coisa lá da Casa Verde, espera um pouco.

Hamilton - Uma nação que há menos de 2 meses tinha exercitado o voto de uma maneira tranquila, livre... 2 meses antes, tinha dado sua opinião...

Dom Paulo - Tinha dado a opinião e a coisa parecia encaminhar-se.

Hamilton - Nessa história recente, Dom Paulo, na qual o senhor participou intensamente, qual o período que o senhor acha que foi mais grave, que mais teve solicitação? O episódio da Rádio Nove de Julho foi marcante?

Dom Paulo - É, foi traiçoeiro, não é? Porque sem indicar até hoje qual o motivo, não é? Outros ganham de volta, mesmo se fazem publicação puramente comercial, pornográfica até. E nós, que foi que fizemos afinal? Levávamos o povo a ser fraterno. Olha, tivemos ouvintes em todos os lugares, não é? Era no Rio Grande do Sul, no Paraguai e até nos países nórdicos, da Europa, de tudo quanto é lugar chegavam queixas e pedidos para recomeçar, porque só ouviam a rádio por motivos religiosos. Então, suprimir a rádio... Deve ter outro motivo. Se não sabem indicar, ou administrativo, ou erro jurídico, ou uma subversão. Na Rádio nós cuidávamos muito de não dizer mais do que a gente podia dizer, e, se havia alguma coisa, tudo foi gravado por precaução, estava tudo aí para ser examinado, tudo, tudo. E nós oferecemos a gravação a quem quisesse examinar. Depois a gente soube como foi feito.

Hamilton - Poderia contar?

Dom Paulo - Por enquanto não.

Hamilton - O senhor fazia "A Voz do Pastor", não é?

Dom Paulo - Faço ainda. Mas nunca chamei de "Voz do Pastor". Voz do Pastor é um termo mais ou menos tradicional, foi do Rio, Dom Jayme, de Porto Alegre, Dom Scherer. Eu sempre procurei...

"Encontro com o Pastor" para dar outro tipo, não é? Quer dizer, há muita gente que se encontra, então, nesse encontro eu digo alguma coisa. Não é propriamente a minha opinião, a cena é o encontro. E tinha mesmo idéia, e ainda tenho hoje, de que isso deveria ser feito com o fito de promover verdadeiro encontro; ter um jornalista, ter às vezes um ateu, ter uma assistente social, gente assim de diversos tipos que pensam sobre o problema, mesmo trânsito, problema-comunicação, problema, não sei, economia, problema-casa, mas qualquer problema, não é? de cidade, sempre problema da cidade. Pra quê serviria isto? O próximo vai ser sobre a comunicação.

Hamilton - Como são realizados atualmente esses encontros?

Dom Paulo - Por enquanto, nesse encontro só peço a opinião do pessoal que é mais ou menos do ramo; depois eu redijo.

Hamilton - E, atualmente, saem apenas publicadas no "São Paulo"; o senhor não leva ao ar em nenhuma rádio? Não houve tentativas?

Dom Paulo - Houve tentativa. Nós já tivemos contrato assinado. Eu já tinha gravado o primeiro encontro. Não foi ao

“O grupo humano reage porque tem que defender-se. A gente chama a isso, assim entre nós, de correção da História, não é? A História se corrige...”



ar, nem o 1º encontro. Não queria mais prejudicar ninguém e não pedi a mais ninguém.

Hamilton – Quer dizer, o senhor veja uma coisa, pra mim de certa forma é mais grave ainda, além do fechamento da “Rádio Nove de Julho”, o que está impedido é realmente o acesso a um veículo de comunicação, como o rádio, não é? Os senhores inclusive desistiram da tentativa...

Dom Paulo – Nós desistimos quando vimos que iríamos prejudicar uma outra, que aliás não aceitou. Nós já havíamos assinado o contrato, o contrato estava assinado, eu já tinha gravado, e no próprio estúdio. Uma saudação apenas, que seria irradiada, de manhã cedinho, mas desisti para não prejudicar. Por enquanto, acho que... Eu ainda acredito que o dia em que a Rádio volte, eu possa de novo ter meu programa; antes eu não posso.

Gabriel – Ontem o senhor falou, certa hora, da influência que a Igreja tinha em outros tempos, o senhor se referiu precisamente ao tempo de Getúlio, e por tudo o que o senhor está falando, hoje vê-se que a situação é completamente diferente. O senhor já tinha falado nisso. Há uma parte dessa mudança provocada pelo próprio poder político que não está interessado, mas há uma mudança também da parte da Igreja. Como é que se processou essa mudança?

Dom Paulo – E, eu acho que ela teve a sua fonte, foi uma evolução histórica, é claro, mas teve a sua fonte, pra dizer assim, localizada no próprio Vaticano II, no Concílio a Igreja estabeleceu alguns princípios: ela não deveria usar de privilégios, não é? Então, você sabe que isso traz muitas consequências. Segundo lugar, que ela devia defender sempre o pobre, estar ao lado do pobre, estar ao lado daquele que é marginalizado pela sociedade, como o próprio Cristo tinha dito e tinha proposto como prova de que nós O seguiríamos, não é? Estar ao lado do marginalizado. Então, certas coisas assim foram evoluindo e entraram na consciência, talvez foram entrando na consciência de muitos e os 10 anos que transcorreram do Concílio até agora foram justamente os 10 anos da Revolução. Desde 65 o negócio começou, a gente começou a sentir que a Revolução era diferente do que ela tinha se proposto em 64. Era diferente, era outra coisa. E aí era justamente o momento em que terminava o Vaticano II, que tinha começado em 62 com João 23. Então, me pare-

ce que foi uma hora histórica em que as coisas tiveram que ser postas em prática, senão trairíamos a função da Igreja; afinal de um Concílio que reuniu todos os bispos, e que de alguma forma trouxe uma participação também de todos os padres, muitos leigos, do mundo inteiro. Ou era verdade, ou não era. Eu acho que fomos por um caminho, que naturalmente pode ser seguido de maneira mais ou menos hábil, na diplomacia, etc. mas que em um momento vai produzir tensão e talvez saia um conflito. Me parece que se poderia fixar um pouco 65 como sendo o ano, nessa caminhada de conscientização. Afinal, sempre se refletiu sobre isso. Se você quiser estudar o que é a Igreja em relação ao Estado, você o pode. Existe um livro grosso assim, em alemão, que tenho em casa, retratando o conflito que existe entre a Igreja e o Estado logo no começo do cristianismo.

Com mártires, não é? Você sabe que mal o cristianismo saiu da Judéia, no ano 60 e até antes, já estava tendo mártires, é o conflito entre a Igreja e o Estado. E praticamente ele não parou. Talvez parou na hora em que a Igreja assumiu a função do Estado, os Estados Pontifícios, etc., mas foi o pior período da Igreja, pior sem dúvida nenhuma. Deixou de ser cristianismo muitas vezes para ser então política, e uma política assim, partidária. Por isso, em si o problema não é novo, e o problema também não é solúvel, não é?

Porque o mesmo povo pertence à Igreja, num sentido assim, de ele ter escolhido, feito opção pela Igreja; e pertence ao Estado por ter nascido e de certa forma também fez uma opção por uma nação. Então, é o mesmo povo e deveria ter os mesmos princípios de justiça, de liberdade, de paz, ter o mesmo núcleo. Agora, a Igreja não deve ter outro poder, senão o poder da comunicação em profundidade, enquanto os outros têm o poder; agora, quanto o poder pode corromper, não diria aqui neste caso, mas pode levar a atitudes drásticas para apressar certas coisas, isso a gente sabe da História. É uma tentação, não é? tentação do poder é de apressar as coisas de maneira autoritária e arbitrária, não deixar uma evolução normal. Enquanto o poder da comunicação é pequeno no sentido assim, porque é verbal, é por gestos, mas entra na consciência. E um dia isso vai dar resultado. Mais cedo ou mais tarde.

Hamilton – É um poder modificante, não é? O outro pode ser mais deformante,

te, não é?

Dom Paulo – É, também o da comunicação pode ser continuamente truncado, não é? impedido... mas nunca totalmente, porque propriamente passa de pessoa a pessoa. Vocês vejam que a Igreja usa pouco a TV, sempre dizem que deve usar, mas eu não acredito demais. Digo, deve. Pode alguém lembrar, que isto valha para modificar alguém, não. O homem lá na sala, fumando o seu charuto, e lá no vídeo o Arcebispo falando... quer dizer, não é a atitude de alguém que está sentado ao meu lado. Vem conversar, não é? Cristianismo só tem força de persuasão, não tem força assim sobre as massas, ao menos não em meios de comunicação de massa. Aí voltamos àquele princípio de ontem, um pouco se o povo está distante ou não está. Em princípio o povo não pode ser atingido de maneira cristã por massa, não é? É pela mãe, é pelo pai, é por um amigo, é por uma professora, não é? Pode ser até que seja atingido por um padre, mas é em geral por aqueles que estão próximos: o jovem atinge o jovem, o profissional atinge outro profissional, porque troca idéia.

Hamilton – Ontem, o senhor chegou a abordar o problema de jovens, e gostaria de retomar aquele pedacinho com mais uma pergunta, que era o seguinte: o senhor falou também que a Igreja não é mística, no sentido de atrair por essas características. Hoje o jovem é muito envolvido, pelo que eu sinto, pelos apelos místicos, pelos apelos mágicos... Será que isso não é fruto de um momento de repressão? A gente não se volta para uma coisa mais mágica, mais mística, num momento em que a liberdade fica mais difícil?

Dom Paulo – E, eu acho que aí nós temos que fazer um estudo com gente que está observando sob outros ângulos. Mas o que a gente observa, pelo menos com o historiador, é que os momentos se sucedem. Existe um momento de racionalismo, um momento de descrédito, de qualquer coisa mais mística, não? Depois vem a reação. Então existe um momento onde a filosofia é irracional, onde a crença é irracional, onde o entusiasmo é que vale, não é? Mas também volta o outro momento de novo, de depuração, etc. Então é um pouco a sucessão, o grupo humano reage porque tem que defender-se. A gente chama a isso, assim entre nós, de correção da História, não é? A História se corrige. Isso seria uma coisa. E nós passamos por um momento assim onde há racionalismo entre a juventude, ela precisou estudar, analisar, achou que tinha uma certa filosofia, não é o que não entrava na cabeça, ela não aceitava, não é? E viu que isso não deu certo. Começou então a técnica. A tecnologia vai por aí. Quem manda mesmo é o engenheiro, que manda não-sei-o-que. E o resultado é péssimo. Não é a solução. Voltamos para a mística de novo. Então, é uma reação contra alguma coisa que não deu certo, por um lado. Mas também eu costumo apresentar este argumento que você apresentou, sobretudo à reflexão de muitos jovens que se voltam para a Igreja. Eu digo “olha, se o governo tivesse canais para os jovens participarem, não haveria tanta chance para nós...” Isso você pode escrever: Eu gostaria que eles participassem do governo, da ação, não é? porque muitos têm vocação. Ah, como tem jovem inteligente por aí! Vivo! E está descrente, não é? E vai ganhar dinheiro demais. Você sabe o quê que eu estou vendo? Que homens aos 30 anos, 35 anos, estão tendo tal crise de saturação, que a vida não significa mais nada. Por que? Porque não participaram das coisas públicas. Então, gastaram todo o seu talento para ter automóvel, ter mulher bonita, ter alguns filhos,

ter fazenda, ter não-sei-o-que, e não tem mais nada pela frente. Mas se eles tivessem entrado na vida pública, neste campo, noutro campo em que eu estou, o tempo é pouco, a novidade é tão grande que a gente nem se põe a par. Mas se eles ficam médicos, têm celebridade, clientela, têm não-sei-o-que, acabou o gosto pela vida aos 30, 35 anos. Temos neuróticos que é demais...

Mylton – Esgotou suas possibilidades...

Dom Paulo – Esgotou... porque o campo é pequeno e o gênio é maior. Temos tantos desses no Brasil, que eu tenho uma pena. Tenho pena que essa geração seja uma geração sacrificada. Então, ela volta-se para a mística; eu teria pena se nós não tivéssemos possibilidade na mística, não é? Na religião, ou em movimentos religiosos. Dar essa possibilidade de ação para esses campos. E damos para todos. Mas a gente costuma acrescentar: “Por favor, não vá alienar-se! Você é engenheiro, aplique o cristianismo dentro do seu ramo e dentro de sua gente que trabalha com você. Não vá cuidar de uma favela! Não é? Se você é médico, aplique isto no campo da saúde, das organizações, dos hospitais, e não vá ensinar no Mobral.” A tentação é esta. É fugir do próprio campo e entrar num outro, porque o próprio está esgotado. Pelo Evangelho é diferente, não é fugir então. É exercer uma coisa que ele ainda pode, não? Mas em geral gosta-se mais de ir para um lugar, onde não se tenha que fazer a crítica a si próprio.

Hamilton – Isso que o senhor abordou agora a gente sente muito próximo. Dos homens que quando chegam aos 30, 35 anos, e então nunca abrem os olhos.

Dom Paulo – Não sei se vocês já estão lá, mas...

Mylton – A gente tem a impressão de estar sempre começando.

Dom Paulo – Mas é que você está na comunicação, não é? A coisa é um pouco diferente. A comunicação, por exemplo, de um médico que ganhou fama, tem a clientela... No outro dia me disse um, que eu convidei para um cargo muito penoso, pouco rentável: “eu não preciso de dinheiro agora eu posso ir pro que gosto.” Bom, ele pode fazer uma vida, abrir de novo, né? Ter outra possibilidade... Mas, se ele ficasse onde está, provavelmente, ou deixaria de estudar, ou – como na América do Norte – trocaria de profissão para ver se outra dá certo. Aí ele vai estudar engenharia, mas no fundo não está bem certo, não é? Porque, ou é vocação, ou não é? Ou você pode se realizar sempre mais, ou é um simples entretenimento, uma maneira de ganhar dinheiro, não é profissão. Profissão é uma coisa que a gente professa, como uma coisa religiosa... Não sei. Me parece que o problema da juventude em parte é esse, é uma reação mesmo do tempo, porque existe no mundo inteiro, não deve ser só no Brasil. Mas uma 2ª coisa, nossa mesmo, é de que quanto mais se restringe a participação, mais o jovem entra nessas 3 soluções que dissemos antes: entra na droga; ou entra num profissionalismo, onde ele arranca o máximo de dinheiro e coisas pra si e depois fica assim, adiado o problema; ou ele entra numa solução religiosa, mística, aí ele tem um campo, não é? E o campo aí é incomensurável. Eu estou com 30 anos de padre, lá dentro, estou estudando desde criança, e a gente nunca chega... Só o que temos de revista religiosa aqui, umas dezenas. Mas o que existe! Em Petrópolis, onde eu trabalhei na faculdade umas 400 e tantas. Mas só as grandes, grandes revistas, a gente mandava vir do mundo inteiro. Agora, o que existe de produção, de pensamento e novidade no terreno religioso, é uma coisa! Não há propriamente limite. Aí não há mais limite. E o jovem se tiver limites... entra lá por esnobismo também. Mas pode abrir possibilidades que depois tal-

vez entrem na política, dêem outro sentido ao trabalho político. Isso me parece muito bom. Que não se perca a juventude, enquanto ela tem possibilidade de progredir. Que ela não vá logo para o material, ou só para o material, que tenha um pouco de ideal, isso é necessário. Se deve fazer até por patriotismo, não só por amor à religião, ou mesmo ao cristianismo. Por patriotismo a gente devia dar ideais místicos à juventude.

Hamilton - Toda a conversa, nós temos situado a coisa bem dentro do Brasil, bem dentro de São Paulo, das coisas bem próximas da gente. Gostaria de situar um pouquinho a coisa no mundo. O senhor agora abordou rapidamente, pelos jovens, que a situação mundial também é mais ou menos semelhante, não é?

Dom Paulo - Eu não digo que tenha feito muita reflexão sobre isso, mas eu acabo de chegar de um congresso inter-religioso internacional. É o primeiro da História. Diziam os organizadores. Foi organizado sobretudo por judeus da América do Norte, financiado também. E nele participaram, além dos judeus, os muçulmanos, hindus, participaram os cristãos, por exemplo, luteranos, que têm sua sede mais na Alemanha, os anglicanos, com maior concentração na Inglaterra e Estados Unidos, metodistas, etc., e depois participaram ainda mais outros tipos do Oriente, quer dizer, hindus que se diferenciavam lá dentro, até o Extremo Oriente. Enfim, nós nos reunimos para falar sobre a fome e a escassez de energia. E o mundo que acaba...

Mylton - Onde foi, Dom Paulo?

Dom Paulo - Foi no norte da Itália, Bellagio, fim de maio, começo de junho deste ano. Eu fui convidado nem sei por quem. De repente chegou um convite. E como eu conhecia 2 ou 3 nomes, ou um pouco mais, eu escrevi para aqueles para saber o que que era e se era muito sério. E foi, foi muito sério. Muito, muito sério! Foi tão sério, que eles não quiseram publicar o resultado. Nem chamaram os jornalistas. Éramos 40 e poucos e tinha 1 Prêmio Nobel de Alimentos lá dentro, tinha o diretor atual da organização mundial de alimentos, a FAO (Organização das Nações Unidas), que ficou conosco, e tinha assessores do mais alto nível, e os religiosos que lá estavam também. E como eu era o da Igreja Católica de categoria mais elevada, será? eles me deixaram até a abertura para orientação inicial, porque ninguém mandava, não é? As religiões quando se encontram, quem é que manda? Foi por um acaso, acho que por deferência dos judeus, que abri. Então, nós ficamos lá uma semana. Você pergunta o quê que está acontecendo no mundo, assim, a partir dessas religiões. É curioso que a gente estando juntos assim 5 ou 6 dias, sobretudo os muçulmanos, que eu mais conversei com eles, que são os mais distantes da gente, então a gente aproveitava aquelas horas, faz passeios à noite, em todas as horas, nas refeições está junto, e vê lá se a gente alarga um pouco as possibilidades - o que eu percebi é, em si uma certa impotência por um lado, não é? Ninguém tem organização para enfrentar armas, organizações mundiais, coisas assim, não? Uma certa impotência. Mas por outro lado, também uma convicção íntima de que aquilo que é feito com arma e com ameaças passa, enquanto que aquilo que a gente lança assim com amor, vai indo, vai indo, vai indo e fica, não é? Mas é a convicção mais ou menos de todos. Hindus, ninguém manda mais. O mundo está indo... Uma fraternidade, um tipo assim, de acreditar na pessoa, tudo. Os muçulmanos também, que é um outro tipo, que não é mais a mentalidade guerreira que está predominando agora, mas é uma mentalidade, voltando às próprias origens, descobrir as raízes da paz. O pessoal do Egito, o pessoal da Líbia, digo pessoal do Líbano, lá pra dentro, esse pessoal todo se encontrando e se entendendo e entendendo bem.

Então, ao lado da impotência você vê certa confiança na idéia, ou mesmo na alma, que no fundo existem aqueles pensamentos que poderiam germinar tão bem quanto o terrorismo, a ganância, o consumo, etc. Então, a gente... uma hora você diz, a gente desanima, está decepcionado; outra hora a gente diz, bom mas é isso que aguenta, né? É o que aguenta o povo, não sei, é o que aguenta ainda, esses que estão em torno de nossa cidade, senão eles já teriam partido para o quebra-quebra, acabavam com tudo. Mas é o que aguenta, o sentimento religioso, o respeito da pessoa, o conceito de justiça, vago, não? no total. Agora, quando é que eles vão tomar a História na mão? eles próprios vão poder se orientar na existência, além dos princípios éticos também, com uma certa força dentro de si? Até quando é que conferências de 2 nações vão decidir a História de todas as nações? E assim por diante, chegando até à base. Isso tudo são discussões em si religiosas, não é?

Gabriel - O senhor não acha que o peso das instituições que estão sempre por trás das religiões, é um peso inerte, até, não prejudica a mensagem?

Dom Paulo - Essa é uma das grandes lutas que a gente está travando agora, que a gente chama de estruturas. Religião sem estrutura e religião estruturada.

Gabriel - Eu queria até completar a pergunta da seguinte forma, com um dado de política internacional recente. É que o peso da instituição na Igreja Católica concretamente transforma ela numa instituição particularmente ambígua.

Então, tem a Igreja Católica da qual a gente gosta, tem a Igreja Católica a qual a gente detesta. Então, pegando um caso recente em Moçambique, um país que ficou independente há 1 mês e meio, as grandes denúncias de chacinas em Moçambique foram feitas por missionários católicos, apoiados por várias partes da instituição católica, inclusive pelo Vaticano, pela Santa Sé. Mas, o quadro geral da Igreja em Moçambique era completamente solidário com o colonialismo. Então, no próprio dia da independência de Moçambique, enquanto o presidente fazia o elenco das instituições que eles condenavam por terem atentado contra o povo de Moçambique, e incluía a Igreja Católica, os padres missionários que tinham sido expulsos 5 anos antes, eram convidados para voltar ao país.

Dom Paulo - E exato. Agora, talvez também haja uma reflexão anterior a fazer. Como eu dizia ontem, a gente tentou comunidades em bases móveis, não é? Sem um palmo de terra. Todas elas tiveram vida forte por um tempo, quando eram bem animadas, não é? Mas quando elas tem um palmo de terra, tem uma estrutura, aí fica, aí o negócio cresce. É assim também com a Igreja, não é? Cristo deu a estrutura mínima e confiou os Sacramentos de salvação. A estrutura dele foi praticamente ter apóstolos e esses terem sucessores. Seriam os bispos. E entre eles tem um chefe, Pedro, hoje é o papa. E ainda, os canais de salvação, os sacramentos: Batismo, Eucaristia, Crisma, etc. O resto todo foi se criando, o resto é histórico. Esse tema é fascinante, para quem observa, mas doloroso para quem está dentro, não é? Que você por um lado precisa ter estrutura, por exemplo a Cúria, é certo. Porque senão alguém quer casar, precisa ter dispensa para ser válido, precisa ter isto ou aquilo. Por outro lado, você não gostaria de ter a estrutura, você gostaria que fosse tudo livre, não é? Cada qual praticasse aquilo que descobre, acabou. Mas tudo que não tem estrutura a gente sabe também que se dilui daqui a pouco, não tem mais consistência possível. Então, a gente está tentando agora distinguir. A Igreja não deve ser nunca só uma organização, deve ser um organismo. Então, digamos, você tem que funcionar porque você é

um organismo, tem que funcionar e tem uma certa organização dentro de você. Mas a preocupação não é pela organização. A preocupação é pelo organismo: o sangue circula, etc. Se a organização não funciona deixa de lado, troca. Mas até isso passar já tem um outro entrave, já houve uma nova criação. E nós, nós todos sabemos que a História costuma, como alias nossa própria história, nos costuma impor muitos móveis, muitas bugigangas, não? Você faz a mudança a 1ª vez, você leva 1 caminhão. Quando você faz a mudança a 2ª vez, leva 10 caminhões. Se você fizer uma 3ª vez, é melhor desistir. Já não vai mais. Um pouco assim é a Igreja. Ela vai de geração em geração carregando os móveis, do século 2º, do século 3º, século 10º, etc., vai carregando. De vez em quando a gente tem uma queima. É uma organização que, no fundo, depende de outras organizações, etc. etc. Então, para voltar a ser organismo é um esforço terrível! E muitas vezes é uma tragédia pra gente, não é? A gente esbarra contra as organizações, quando gostaria que tudo fosse mais fluido. Mas elas são necessárias. Porque na hora em que você tem 2 pessoas vivendo juntas, você já tem algumas regras: vamos almoçar tal hora, vamos jantar, vamos fazer isto assim. Agora, quando se tem 600 milhões é possível que se tenha mais do que 2 ou 3 regras, não é? Então, a coisa vai assim mesmo. Agora, sempre aliviar de novo é o sentimento dos Sinodos que se reúnem de 3 em 3 anos. É de reexaminar as estruturas a partir das bases, não é? Porque os bispos vêm de todas partes, de 3 em 3 anos, e ver se a gente acompanha o tempo e também se adapta. Um dos meus discursos neste Sinodo foi sobre isso. Quer dizer, toda estrutura que impedir a mensagem de correr deve ser afastada ou modificada o mais depressa possível. Essa foi uma das teses que eu defendi.

Hamilton - Dom Paulo, só para nós encerrarmos, eu gostaria de saber como o Vaticano encara a Igreja do Brasil, com os seus contatos o que o senhor tem sentido? Como encara o trabalho que ela está fazendo, tudo isso que está fazendo aqui?

Dom Paulo - O Vaticano é uma questão de estrutura e de definição. Por exemplo, se eu dissesse Vaticano-Papa, não é? Vamos dizer assim. Bom, eu não sei se uma pessoa pode acolher alguém mais simpaticamente do que o Papa me acolhe, do que acolhe ao Dom Helder, do que acolhe os bispos mais diversos, e tira as informações. Cada pessoa que vai falar com ele, claro que ele já tem o seu dossiê, estudou, e ele esteve aqui em São Paulo. Então, apesar da idade dele, muita vivacidade, não? A vida inteira esteve lá. Eu diria, eu nunca vi nenhum empecilho; no momento por exemplo em que ele perguntou se eu aceitava ser Arcebispo de São Paulo... se ele pergunta, quer dizer, se ele quer, a resposta é positiva; se ele apenas pergunta, eu digo não. Se ele pergunta, eu ainda posso decidir... Mas se ele quer, também eu quero. O gosto de colaborar com ele é grande, apesar de que a imprensa costuma apresentar o Papa como figura dúbia, etc. não é? Porque capta dos discursos dele quase sempre certas coisas... e as dá assim. Mas quem lê tudo, quem conversa com ele, é diferente. Agora, a Santa Sé. Que mais você diria? As congregações, não é? Cada congregação tem um Prefeito. São como ministérios. Um cuida dos bispos; se "quero um bispo para São Paulo", eu trato com ele. Ontem esteve aqui, o Prefeito da Congregação dos Bispos. Passou por São Paulo, um homem simpático, não é? Conhece o Brasil, foi núncio no Brasil. O relacionamento é fácil. Outros eu não conheço, não conheço mesmo e não tive também ocasião de tratar com eles. O bispo tem essa dupla tendência: uma, a gente está relacionado com a Santa Sé no sentido de unidade. Mas a Santa Sé não costuma

mandar em São Paulo. E não pode, não é? São uma duas mil dioceses, como é que eles vão mandar, não é? Então o bispo é um homem de confiança da Santa Sé por um lado. Por outro lado o bispo também sabe que ele é autônomo, no sentido da sucessão de apóstolos. Quer dizer, ele responde por si junto com o clero, que forma com ele um só corpo, não é? Uma unidade. Agora, você diz, bom a Santa Sé tem uma política, este bispo tem outra, outro tem outra... Há bispos que são mais críticos, quer dizer, fazem a sua crítica mais forte, mais incisiva. Eu nunca tive dificuldade como bispo, dificuldade que proviesse assim intencionalmente da Santa Sé. Vejo alguma dificuldade nas estruturas, não é? É uma outra questão. Mas que viesse intencionalmente, quer dizer que alguém impusesse um tipo de ver ou julgar, seria difícil de imaginar, não é? Nesse sentido, nossa organização tem bastante flexibilidade, bastante naturalidade de comunicação, canais bastante abertos. E não custa. A gente fala a mesma língua, não é? Tem quase a mesma formação, não é? Não é como se um advogado fosse feito governador, um engenheiro ou um político. Todos têm outra formação... Nós nos formamos desde jovens para o serviço da Igreja ao Povo. Temos vontade de estar com o Evangelho ao lado deste Povo que é tão bom.

O Escritor Dom Paulo Evaristo:

La Technique du livre d'après Saint Jerome (tese de doutoramento da Sorbonne) - E. de Boccard Editeur, Paris, 1953/*Liberdade de ensino*, Editora Vozes, Petrópolis, 1960/*Por que escolas católicas?* - Vozes, 1963/*Rumo ao casamento* - Vozes, 1963/*A quem iremos, senhor?* - Ed. Paulinas, SP, 1968/*A humanidade caminha para a fraternidade* - Paulinas, 1968/*Paulo VI: voce - é a favor ou contra?* - Paulinas, 1970/*Cartas de Santo Inácio de Antioquia* - Vozes, 1970/*A guerra acabará, se você quiser* - Paulinas, 1970/*Carta de Santo Clemente Romano* - Vozes, 1971/*De esperança em esperança na sociedade, hoje* - Paulinas, 1971/*Santo Ambrósio: os sacramentos e os mistérios* (Introdução e tradução do original latino) - Vozes, 1972/*Comunidade: união e ação* - Paulinas, 1972/*Viver é participar* - Paulinas, 1973 (traduzido para o italiano - Ed. Jaca Book, Milão)/*Cristãos em plena vida* - Ed. Loyola, SP, 1974/*Você é chamado a evangelizar* - Loyola, 1974/*Nova forma de consagração da mulher* - Paulinas, 1974.

Traduções:

História literária das grandes invasões germânicas (de P. Courcelle) - Vozes, 1956/*Ela sem ele* (de Geneviève Sauvet) - Vozes, 1963/*Nova história da igreja* (de J. Daniélou e Henri Marrou) - Vozes, 1966/*A co-responsabilidade na igreja de hoje* (do Cardeal Suenens) - Vozes, 1969/*Assim na terra como no céu* (de Fritz Hochwaelder) - Vozes, 1969.

Os Créditos Desta Matéria:

Repórteres: Hamilton Almeida Filho ("jornalista há 14 anos, começou sua carreira no *Jornal do Brasil*, veio para São Paulo 12 anos atrás e passou sucessivamente pelo *Jornal da Tarde* - onde ganhou 1 Prêmio Esso -, revista *Realidade*, *Veja* e *O Bondinho*, entre outras publicações"); Narciso Kalili ("jornalista há 20 anos, iniciou na *Última Hora*, e igualmente atuante em incontáveis órgãos de imprensa, como *Realidade*, onde ganhou o Prêmio Internacional *Mergenthaler*, por serviços prestados na profissão"); Mylton Severiano da Silva ("jornalista desde 1960, quando começou na *Folha de S. Paulo*, passando depois pelo *Jornal da Tarde*, *Realidade*, *O Bondinho*, *TV Cultura*"); Gabriel Romeiro ("jornalista há 10 anos, ex-seminarista, ex-redator de *Realidade*, *O Bondinho*, *TV Cultura* e, atualmente, na *TV Bandeirantes*). **Fotos:** Elvira Alegre. **Paginação e Ilustrações:** Jayme Leão. **Edição:** Paulo Patara ("41 anos, jornalista há mais de 20, desde os tempos de *Última Hora*, lançador de inúmeras publicações importantes da imprensa brasileira, como *Realidade* - da qual foi diretor - tendo deixado recentemente cargo de direção na Editora Abril"). Os dados entre aspas foram tirados da carta de Ex à Cúria de SP, solicitando esta entrevista.

**DEIXE DE SER
BURRO!
TELENOVELA
É CULTURA!**

NÚMERO 1
SETEMBRO 75
EX-EDITORIA

ENTRADA!

ESPECIAL: QUEM É A MOÇA QUE TENTOU MATAR FORD.

A história começa quando ela foi expulsa de casa, aos 17 anos. Lynette e a "família Manson", na página 12.



jornal da tarde

Cr\$ 2,00

**A terrível
volta
da praia**

**Na Edição
de
Esportes**



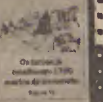
**MDB: uma
inesperada
vantagem
para os
renovadores.**



**Crise
pouca e
candido
Pagão**

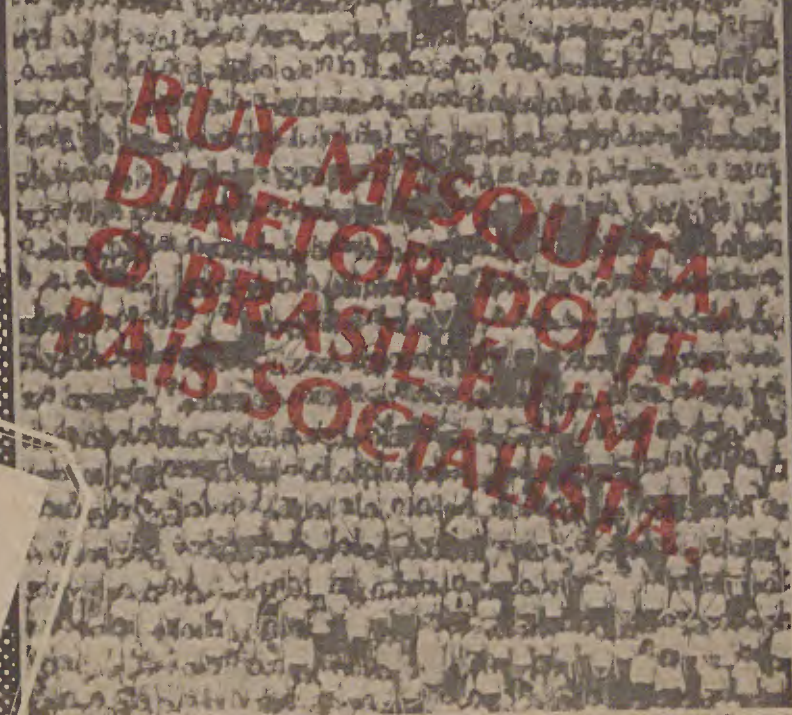


**Os brasileiros
então? 1975
marcha de comemoração**



**UMA ADVERTÊNCIA À
NOVA OPOSIÇÃO PORTUGUESA**

O general Charria adverte os partidários de Vasco Gonçalves sobre os perigos de uma guerra civil. Página 8.



O Sete de Setembro em São Paulo (foto) e em Brasília, na página 14. Na 14, o discurso do ministro Simoesen.